

HOMERO HOMEM
CABRA DAS ROCAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Série Vagalume

Homero Homem

Cabra das Rocas

Revisão de SCS
Formatação de LeYtor



Homero Homem
CABRA DAS ROCAS

Série Vaga-Lume
Editora Ática – 7ª edição

Ilustrações: Edmundo Rodrigues
Capa: "layout" de Ary Almeida Normanha
Suplemento de Trabalho: Jiro Takahashi

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP
Homem, Homero, 1921-1990
H724c Cabra das Rocas / Homero Homem ;
[ilustrações de Edmundo Rodrigues]. — 7. ed. — São Paulo : Ática,
1980.
(Vaga-lume)
1. Literatura infanto-juvenil I.Rodrigues, Edmundo. ÍI. Título.
80-0801 CDD—028.5

DADOS BIOGRÁFICOS



Homero Homem de Siqueira Cavalcanti nasceu no Engenho Catu de propriedade de seu pai — no município de Canguaretama, Estado do Rio Grande do Norte — em 6 de janeiro de 1921. Descendente de tradicional família nordestina.

É o sexto filho do casal Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti Filho e Elisa Martins Delgado de Siqueira Cavalcanti, ambos falecidos. Com os estudos fundamentais em sua terra natal, fez no Rio o curso pré- jurídico e atuou — e ainda atua^{1} — intensamente na imprensa carioca e de quase todo o país. Entre 1968 e 1976, foi professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Foi casado em primeiras núpcias com Teia Carpen e, em segundas, com Zaira Kemper de Andrade, já falecidas. Tem três filhos desses dois casamentos — Ana Maria, Maria Elisa e Eduardo. Duas vezes viúvo, casou-se, pela terceira vez, com Alzira Martins Figueiredo.

Jornalista profissional, os primeiros passos foram dados ainda no Rio Grande do Norte. No Rio, trabalhou como redator político e repórter especial do *Diário de Notícias*, além de colaborador do suplemento literário desse matutino. *O Estado de*

S. Paulo, Manchete, Última Hora, Revista do Globo, Leitura foram as etapas posteriores de sua atividade na imprensa.

A sua estréia em livro deu-se em 1954, com um longo poema em prosa — *A Cidade, Suíte de Amor e Secreta Esperança* — alternando-se depois entre a poesia, o romance, o ensaio e o conto como etapas de uma carreira literária louvada pela crítica e valorizada por expressivos prêmios literários, entre os quais: *Prêmio Alphonsus de Guimaraens*, do INL- MEC, em 1958; *Olavo Bilac*, da Academia Brasileira de Letras; *Escritor do Mar*, do Clube Naval; *Luís Cláudio de Sousa*, do Pen Clube; *Prêmio Nacional de Poesia Falada*, do Estado do Rio; *Prêmio DNER*, do Ministério dos Transportes; *Thomas Mann*, de ensaio, instituído pela UBE-República Federal Alemã; e *Prêmio Nacional de Literatura*, do INL- MEC, de 1975, pelo conjunto de sua obra poética.

A João Rocha, menino das Rocas, que me inspirou este livro, onde estiver.

A Peregrino Júnior, Esmeraldo Siqueira, Djalma Marinho, Luiz da Câmara Cascudo, Murilo Melo Filho, Leonardo Bezerra, Ney Leandro, Umbelina de Siqueira Cavalcanti, Salvyano Cavalcanti de Paiva, "Cego Lula", Sanderson Negreiros, Renard Perez, Veríssimo de Mello, Talvani Guedes, Oswaldo Lamartine, Aldo Lins Marinho, Geraldo Serrano, Manuel Maria de Vasconcelos, Fernando Cabral, Newton Navarro.

"Anda, meu filho: vai dizer baixinho
A esse povo do Mar, que é teu irmão,
Que não fraqueje nunca no caminho,
Que espere em pé o seu D. Sebastião."
Antônio Nobre — "O Esperado"

"Quem come cangulo
cresce o caculo{2}."
Ditado nordestino

Capítulo I A INSCRIÇÃO

Cheguei só, empurrado pela própria timidez. Olhei o casarão de janelas estreitas e iguais com um temor que não sei se era filho do respeito ou puro instinto de conservação.

Acho que era medo, mesmo. Um medo que me mandava enfiar atrás da primeira pilastra, mal avistasse esta coisa temida: um veterano.

Temor injustificado, como vim a perceber depois. A estudantada antiga, que não perdoava calouro, era ostensivamente indiferente ao *bicho* que vinha se inscrever para os exames de admissão.

Troteá-lo seria uma honra, uma concessão. Passasse primeiro. O "batido" viria depois — ah, se viria!

Localizei o amanuense encarregado da inscrição, paguei a taxa contando devagar as notas de mil-réis, assinei sobre os selos do requerimento com a melhor letra que consegui arrancar dos dedos recalcitrantes de menino desacostumado à escrita.

E eis-me de novo pelos corredores, agora mais confiante, olhando furtivamente para os salões de aula, desertos àquela hora.

Estava-se no período, dos exames de segunda época. Alguns estudantes tinham prova naquela manhã. Sentavam-se nas carteiras alheios a tudo, folheando com ar de urgência a matéria atrasada de um ano.

Era este então o Ateneu de tanta importância e tradição na vida cultural de minha cidade!

Por ali haviam passado os grandes vultos locais: políticos com herma na praça pública; ilustres homens de Estado; médicos, advogados, professores.

E eis que agora, rompendo com a tradição que tão bem se condensava na frase correntia — "filho de rico para a escola; filho de pobre para o trabalho" — eu, filho e neto de marinheiros, me atirava à grande aventura, proibida até então à

minha gente, de cursar um colégio oficial de grau secundário, comprar livros, freqüentar aulas, ilustrar-me para concorrer ombro a ombro com os rapazes de família, no pega-para- capar da luta pela vida.

Era este então o Ateneu que via de longe, com olhos compridos de ambicioso, quando passava de bonde, madrugadinha cedo, para a feira do Alecrim.

Ali, da sacada que dá para o porto, discursara em tempos idos Capitão Zé da Penha, que depois se fizera matar no Ceará pelo seu ideal de moço.

Daqueles bancos escolares saíra o que de melhor já dera o Estado em matéria de sabedoria e inteligência. Gente que andava agora pelo Sul brilhando na imprensa, nas letras, no teatro, na política.

Olhei a placa de bronze embutida na parede com a misteriosa inscrição esverdeada pelo tempo e que começava assim:

BASILIUS QUARESMA TORREÃO,
PROVINCIAE PRAESUL.

E me senti definitivamente conquistado pela beleza, o prestígio solene e austero daquelas paredes recobertas de vozes de dezenas de gerações. Vozes que eu ouvia, gerações que eu ouvia.

Era este então o velho Ateneu. O entusiasmo me conquistava. Via- me ali mesmo estudante, envergando a farda cáqui com frisos azuis, sentado a uma daquelas carteiras de madeira lustrosa, bebendo conhecimentos para a vida.

E lá me fui assim a viagem toda, no bonde rechinante e lerdo que me levou de volta para casa.

Era estudante. Estudante do Ateneu Norte-Rio-Grandense. É fácil misturar sonho com realidade quando se tem onze anos.

Capítulo II
ROCAS DA FRENTE



Sentia o gesto como insulto. — Vá tapar o nariz na casa da mãe, xarias! Choviam pedradas no luxento.

Saltei do bonde no cais do porto, ganhei o caminho de casa: Rocas da Frente. Quem morou lá, sabe muito bem como era aquele paul.

Miasmas de mangue putrefato, cheiro de restos de comida e detritos caseiros espalhavam-se no ar, destilando um odor insuportável e agressivo, de podridão fermentada a golpes de sol.

Cedo me acostumei àquela catanga. A ponto de não compreender por que gente forasteira levava instintivamente o lenço ao nariz quando passava pelas Rocas da Frente.

Aquele era o sinal que identificava o estrangeiro. A molecada de meu tope, vadiando nas poças de água ou jogando *tile* nos degraus da igreja, refratária a estranhos e instintivamente apegada ao paul, sentia o gesto como insulto.

Choviam pedradas no luxento. Um vento de palavras perdidas varria o canal.

— Vá tapar o nariz na casa da mãe, xarias!

Em nossa cartilha de palavrões, xarias era o supremo xingamento. Designava o morador da Cidade Alta, urbano e próspero, comedor de xaréu, peixe proibido à fome humilde do povo das Rocas, que o arrancava do mar a ponta de anzol e ia vendê-lo no mercado da Cidade Alta.

Para nós do paul ficava o peixe do quebra-mar, miúdo, recamado de espinhas, comedor de mangue e dos detritos orgânicos que boiavam livremente no trapiche do rio. Aí abundava o cangulo, prato de resistência das Rocas da Frente.

O cangulo era o maná bíblico daquele povo que não conhecia milagre salvo o da pesca. Dava-nos a carne branca para assar no braseiro, o couro duro feito lixa para misturar no pirão de farinha. As espinhas serviam para furar bichos-de-pé, outra praga das Rocas. Até a carcaça do cangulo era aproveitada pelas crianças do bairro. Funcionavam como bois e vacas em nossas brincadeiras de moleques de beira de praia que nunca víamos urna rês.

Na boca dos xarias éramos assim canguleiros, comedores de cangulo. O revide completava a terminologia, definia os campos como urna cerca alta e intransponível entre os dois grupos.

Antes do meu nascimento, contavam, havia rixas tremendas nas Rocas. O cacete, a peixeira, a quicé afiada entravam nessas disputas que resultavam sempre em cabeças partidas e barrigas vazadas. Sangue, miolo e fezes servindo de repasto às mutucas enormes, principais beneficiárias daquelas escaramuças.

Rolando no ar os espadagões rabos-de-galo, os cavalarianos da Polícia Militar promoviam batidas noturnas às Rocas da Frente. O sabre comia nas costas dos moradores.

Aquilo era vingança de xarias tomada à socapa, em plena madrugada, por seus esquadrões de sustentadores da lei.

Os pescadores juntavam-se aos operários da fábrica de tecidos que moravam nas Rocas de Dentro, o grupo engrossava com a adesão dos catraieiros das docas, a reação se organizava.

Lutava-se nas esquinas, nos becos escuros, nas poças de água fedorenta.

Grupos de cavaleiros passavam em tropel de apocalipse, rasgando as vestes humildes da noite das Rocas com a ponta das espadas coruscantes. Iam de encontro aos casebres, derrubavam-nos ao peso das bestas enormes. Gritos de mulheres e crianças, arrancadas das camarinhas pela carga furiosa, misturavam-se aos relinchos dos animais, loucos da dor das esporas que os soldados cravavam fundo em suas ancas para vê-los pinotear sobre os casebres em ódio cego de vingança e destruição.

Esse tempo passara. Dele restava apenas a marca física de alguns destroços: uns restos de casebre derreado; um pedaço de ferradura encravado numa soleira de porta: uma ou outra fisionomia encanecida, de traços violentamente distorcidos pelo sabre recurvo de um cavalariano em disparada.

Ficara porém a crônica dessa era de pavor e sangue. Saga herói- cômica entremeada de casos de bravura que no mais

aceso da refrega resvalavam para o pitoresco.

Ora era um meganha que, escorregando infeliz, mergulhava de cara na lama fétida do paul.

Ou então a façanha de um tipo popular nas Rocas — o Ajapau — desarmando o braço punitivo com a força alegórica de um gesto, um dito bem encaixado na hora mesma em que o espadagão ia desabar sobre sua cabeça.

Nas noites limpas da praga dos maruins dedetizados pelo clarão da lua, os cronistas desses tempos bárbaros arrastavam tamboretas para fora, agrupavam-se em semicírculo, nas calçadas, e aos poucos a saga de sangue, bom-humor e heroísmo ia tomando conta de todos os ouvidos.

No céu, como um peixe de prata, a lua branca e enorme se descarnava num mar de claridade. Um ou outro maruim dedilhava no ar seu filete de música tediosa. Quietos, os coqueiros desenhavam o chão com o rendado das folhas. Violões boêmios gemiam ao longe, a música chegando em golfadas de sons trucidados pela distância.

Uma voz se destacava do grupo, evocando o perdido heroísmo daqueles tempos.

— Foi no tempo de Totonho Perna-Seca — contava. Tempo brabo, aquele!

Calava-se um momento, recompondo o fio das reminiscências, a história começava a tomar corpo.

— Totonho pegou um xarias lá pras bandas da Ribeira, deu com ele no chão. Cabra decidido, Totonho.

Cigarros latejavam na sombra, acendendo, apagando. Silenciosas, as Rocas da Frente pareciam uma grande orelha escutando.

— De noitinha os meganhas cercaram a casa de Totonho. Ele estava acabando a janta, saiu lá de dentro mansinho, não queria meter a família na encrenca, não. "Esteja preso, cabra!" gritou o comandante da escolta, mal avistou Totonho. Mas Totonho estava pra tudo, respondeu: "Teje preso umas cordas véias, seu cabo." O cabo era "Prego", aquele escurinho que dava guarda na Recebedoria, vocês devem se lembrar.

— Tenho uma sede naquele sujeito! — aparteava alguém, subitamente odiando Cabo Prego.

— Dois, compadre! — aderiu o narrador retomando a ponta da história. — Como eu ia dizendo, Cabo Prego aí não teve dúvidas. Estava montado, disparou com cavalo e tudo pra cima de Totonho. Baixou o rabo-de-galo em cima do pobre, que pulava dum lado pra outro, enquanto comia espadagão no lombo. Estava desarmado, Totonho. Não tinha nem uma quicé. Cabo Prego era um desalmado. Descia a brocha em Totonho que só vendo.

— Ah eu lá, miserável!

— Pra onde vai, valente!

Risos. E vinha o desfecho.

— De repente Totonho se espalha. O pau comendo nas suas costas, pega na brida do baio, arrasta Cabo Prego da sela, rolam os dois pelo chão. Totonho escanchado no cachaço do bruto que nem menino rodando em galamastro. E Cabo Prego perdendo as forças. Ficou cinzento, depois destroncou o pescoço pra trás feito frango na faca. Aí Totonho largou aquela coisa murcha, aproveitou a confusa, caiu no mundo. Nunca mais veio aqui. Sua família viajou depois pra Rio Tinto. Ia visitar uns parentes, disseram. Mas nós sabíamos que Totonho também andava por lá. Bicho bom. Apanhou mas fez bem feito.

— E o meganha?

— Quase morre; ficou doente um tempão, acabou se reformando. Anda por aí, perdido.

Calava-se o narrador, riscava um fósforo, tirava uma baforada longa do toco de cigarro que se apagara no calor do relato. A roda ficava um minuto silenciosa pensando em Totonho, numa tácita homenagem à sua bravura. Depois vinha outra história.

Escutava de olhos arregalados, perdidos, bebendo as palavras. O grupo nem dava conta de mim. Conversava-se de língua solta, sem qualquer respeito pelos meus onze anos. Às vezes alguém me descobria, aconselhava, só por falar:

— Vai te mexer com os da tua idade, piolho de gente. Encabulava, simulando manobra de ir embora, depois ia me chegando. Acabavam me admitindo, deixando-me escutar livremente. Só não podia falar.

— Em conversa de homem, xarias, mulher e menino ficam de fora, dizia Seu Quinquim barbeiro.

E era assim mesmo.

Capítulo III

UM HOMEM DO MAR

A casa de meu pai era na Rua São Jorge, a "principal do bairro", como afirmavam os moradores com uma ponta de orgulho que se traduzia na honraria de ter ali perto, na pequena elevação onde principiava o morro, a igreja do padroeiro das Rocas.

Eu, que conhecia as ruas largas e bem calçadas da Cidade Alta, não encontrava razão muito forte para esse entusiasmo. Se ainda não mudou, a Rua São Jorge é a mesma nesga de terra solta quebrando em cotovelo, varrida o dia inteiro pela poeira da lama pulverizada, se fazia sol; ou coalhada de poças de água onde coaxavam sapinhos quando a chuva, monótona e cinzenta, tamborilava seu marulho contrapontado sobre o teto dos casebres.

Mas queria bem à minha rua. Ficava à janela olhando as pesadas barcaças atoladas na lama do trapiche, o rio Potengi arrepiado de chuva, uma tristeza fina pairando sobre o mangue. Aquilo me entristecia; sentia uma ânsia, uma saudade de paisagem saudável, batida de sol. Tinha medo da chuva: a água caindo me dava a impressão de coisa perdida e inútil se esvaindo.

Estava assim naquela noite quando chegou meu pai. Vinha molhado dos pés à cabeça e parou um momento para sacudir o capote, enorme oleado de marujo que escorria água na soleira.

Bateu pesadamente as botinas no degrau da entrada, limpou o barro que aderira ao solado, entrou silencioso.

Era de poucas palavras, hábito contraído na solidão das grandes viagens, beirando a costa, de um extremo a outro do Estado.

Alto e robusto, ostentava uma força maciça e lenta de marinheiro. Tinha mãos enormes, duras, servidas de dedos curtos onde apontavam calos. De tão grossos até pareciam inchados os dedos de meu pai.

Recordo bem o seu físico áspero e agigantado, mas por mais que me esforce não consigo reter as suas feições. Lembro-me bem dos seus olhos. Eram pardos, de uma tonalidade que nunca vi reproduzida em ninguém mais. Fitavam parados e teimavam esconder aquela velada luminosidade de coisa subterrânea, que irradiavam. Pareciam lutar contra a luz, os olhos de meu pai.

O mais, nele, tenho fielmente fixado: certos gestos, a voz rude, o jeitão agressivo com que fazia as perguntas, um súbito rompante de voz que ia se atenuando até transformar-se em murmúrio, que era o seu tom habitual de conversa.

Meu pai se desembaraçou da japona, sentou à mesa. Dona Laut, minha madrasta, trouxe quase em seguida o jantar: sopa de feijão, peixe cozido, pirão de farinha e café.

Meu pai comia calado, os grandes músculos faciais contraindo-se, relaxando-se. Eu acompanhava com atenção estudada os pequenos besouros que rodopiavam em torno do candeeiro, fugidos da chuva que caía lá fora. Estava à espreita de uma oportunidade para contar-lhe o meu dia. Afinal, tomei coragem, fui direito ao assunto:

— Estive hoje lá em cima. Estou matriculado, meu pai. Ele levantou a vista, olhou-me como procurando se lembrar do que falava eu; derramou um pouco de café no pires, soprou, para esfriar, bebericou e disse:

— Está direito.

Aquela secura me doeu. Estava acostumado com ela, meu pai era assim mesmo. Mas a situação era tão especial que me dera coragem para engendrar aquela conversa. Disfarcei a decepção com nova investida. A vontade de falar era grande:

— Sabe, meu pai, os exames começam depois do Carnaval.

— Hum... — fez ele.

Inútil! Me refugiei num silêncio amuado, duro silêncio de menino acostumado à solidão.

Meu pai acabara de tomar o café, acendia sem pressa o cachimbo, uma pesada peça de madeira ornada com anéis de latão.

Soprou a primeira baforada, e, envolvido pela fumaça, falou devagar, pondo-me os olhos em cima:

— Você espera passar no exame, João?

Tive um choque. A pergunta de meu pai era uma resposta, um eco à minha ânsia de comunicação e extravasamento. Raro meu pai falar assim, encarando-me como igual. Era um homem entrincheirado em seu silêncio, um silêncio pesado como o resto de sua pessoa, difícil de romper. Cedo me acostumara a ele. Em casa, eu e Dona Laura, ninguém se espantava.

Aquela frincha aberta agora no seu mutismo rasgava pela primeira vez uma perspectiva nova em minha infância, que era como a sombra miúda da solidão grisalha de meu pai.

Naquele minuto compreendia anos inteiros de sua vida. Sentia-me intranquilo; uma emoção nova tomava conta de mim. Ficamos assim um pedaço. Foi meu pai quem quebrou o silêncio.

— João, estive pensando. Sou homem rude, um homem do mar. Tenho ouvido seus planos, Dona Laura já me falou. A princípio não concordei muito, você sabe, filho de marinheiro pertence ao mar. Pensava que um dia você iria comigo, pegava amizade ao barco, seríamos dois a fazer vida de marujo. Assim aconteceu com o finado, que Deus guarde; assim aconteceu comigo. Pensei que assim ia ser com você.

Deu uma baforada comprida, soprou a cinza que aflorava às bordas do cachimbo.

— Você saiu à sua mãe, foi feito para ficar em terra. Está-me pedindo conselho, leio em seus olhos; mas não sei o que diga, não. Nunca estudei, criei-me sem necessidade de livro, marinheiro precisa de saúde e fé em Deus, que a sabença tirada dos livros de nada ajuda quando se está embarcado. Você escolheu sua vida, está certo, não atrapalho vocação de filho. Já para dar conselho não sirvo, fico sem saber o que diga. Pense bem: você é filho de marujo, neto de marujo, marujo também. Está na massa do sangue. Os rapazes da cidade, estes sim, nasceram para estudar mesmo, para ser doutor, subir na vida. Levam vida de estudante, os pais dão tudo. Com você é

diferente, precisa trabalhar, o meu é pouco pro gasto, inda mais com despesas de livro, um horror de dinheiro. Enfim, você sabe.

Calou-se, foi à janela, ficou olhando as luzes da cidade refletindo-se nas águas do mangue em estrias de fogo inquieto.

Tomado de desânimo fitava a sombra enorme de meu pai. Tocado pela claridade de fora, ele me parecia de súbito muito só, pequeno e desamparado. Tinha ímpetos de gritar-lhe: "Não importa, trabalharei, lutarei por nós todos, meu pai". Mas o silêncio nos pegou em cheio, ficamos assim um pedaço. Depois meu pai deixou a janela, teve um suspiro de descrença, começou a desenrolar a rede que pendia do armador, na sala de jantar. Bocejei para disfarçar o tumulto que tomava conta de mim. E as palavras começaram a me sair com decisão.

— Amanhã começo com as aulas para o exame.

— Quem é que vai lhe ensinar? — falou meu pai impulsinando a rede para o balanço.

— Seu Geraldo da Farmácia; cobra só quinze mil-réis por mês.

Novo silêncio. A rede rangia monótona — rin... rin... rin...

— João!

— Senhor, meu pai?

— Vá dormir para acordar cedo, menino. Se tem mesmo que ser doutor, precisa ir se preparando.

Tive ímpeto de correr para meu pai, abraçá-lo, tanger o punho da sua rede a noite inteira. Mas ele ressonava já, o peito enorme subindo e descendo com regularidade.

Era um sono pesado e total. Sono de marinheiro que chega do mar.



— *Vá dormir para acordar cedo, menino. Se tem mesmo que ser doutor, precisa ir se preparando.*

Capítulo IV

AS CINCO PARTES DO MUNDO

Era de tardezinha quando bati à porta da pequena farmácia pegada à igreja. Seu Geraldo estava lá dentro jantando, adivinhei pelo barulho dos pratos.

Sobre o balcão as moscas esvoaçavam livremente. Cartazes amarelos do Biotônico e da Saúde da Mulher ornavam as paredes. Acima da prateleira, numa espécie de nicho, pendia o retrato de um velho de barbas longas. Pasteur — dizia a legenda, minha velha conhecida das visitas à farmácia do Seu Geraldo a fim de comprar meizinha para minha madrastra. A voz de Seu Geraldo veio lá de dentro. — Vá entrando, menino. Vamos começar a lição agorinha mesmo.

Levantei a bandeira do balcão, ganhei o corredor. Seu Geraldo tomava café na sala de jantar, numa enorme xícara de ágata que lhe escondia metade da cara. Restos de comida espalhavam-se pela mesa de tábua nua, toda manchada dos líquidos e poções que Seu Geraldo preparava ali mesmo. A casa tinha apenas dois cômodos: o da frente, ocupado pela farmácia, e este onde Seu Geraldo fazia as refeições, dormia, cozinhava e aviava as receitas.

Vivia só. Era uma figura popular, querida e indispensável nas Rocas.

Receitava, preparava os medicamentos, escrevia gratuitamente a correspondência do bairro — cartas de namoro, participação de falecimento a parentes distantes, cobranças de dívidas, bilhetes de descompostura — todos os fatos da coletividade que pedissem linguagem e solução epistolar.

Espécie de consultor, de oráculo prestativo e descomercial, Seu Geraldo gastava o tempo escrevendo, receitando, dando conselhos, cedendo fiado frascos de remédio e sabedoria, tudo sem maior predisposição moral para "fazer o bem", sem visar recompensa material.

Pagava a Seu Geraldo quem tinha dinheiro. E como, embora querendo, pouca gente podia pagar, Seu Geraldo via raramente um dinheirinho de morador das Rocas.

De vez em quando uma comadre batia-lhe à porta trazendo uma galinha gorda ou uma enfieira de xareletes surripiados à fome da família. Era a paga por uma receita velha, atrasada de meses, ou pelo unguento esfregado na perna de algum velho pescador, entrevado em cima da camarinha, os ossos roídos pelo reumatismo apanhado no mar. Aquilo era a dádiva humilde do povo das Rocas ao seu Cireneu.

Achávamos tudo muito natural. Seu Geraldo era de nós o melhor aquinhado. Tivera instrução, adquirira conhecimentos úteis pela vida afora. Nas Rocas, ninguém contudo podia compreender por que Seu Geraldo, podendo residir na Cidade Alta, ocupar emprego em escritório ou repartição, teimava em partilhar da nossa pobreza.

Eram segredos seus, coisas de que nunca falava a ninguém. Estava no bairro um tempão, era como se tivesse nascido e se criado ali. Fazia parte da nossa paisagem, como a igreja que nos dava a missa, a lama que nos trazia a doença, a lua que alumiaava nossas noites empestiadas de mosquitos.

Baixinho, a cabeça grande e redonda presidindo o resto do corpo, mirrado de carnes como caju chupado, Seu Geraldo tinha o nariz ostensivo e sensível como uma antena. Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel, das palavras mansas que estavam sempre saindo de sua boca: "Sei... compreendo... é assim mesmo... "

Tinha suas manias, freqüente motivo de riso nas Rocas. Escrevia em enormes cadernos de papel almaço uma infinidade de coisas que ia arquivando no baú de couro, meio escondido embaixo da cama.

Ninguém sabia o que Seu Geraldo lançava no papel. Diziam uns que eram versos, outros, receitas copiadas dos almanaques de medicina. Ficava-se na controvérsia: Seu Geraldo, inquirido a respeito, calava o segredo, desconversando.

Gostava de pescarias. Aos domingos era fatal vê-lo passar logo cedo, a vara içada bem alto, Uma velha lata de manteiga, cheia de iscas, pendurada no dedo, o chapelão de palha de carnaúba enterrado na cabeça até as orelhas.

Sua fatiota de pescador era motivo de riso nas Rocas. Compunha-se de velhas botinas de elástico, anavalhadas pelas ostras do quebra-mar, calças de boca estreita deixando aparecer uma nesga de canela alva, camisa de listas e colete.

Saía de manhãzinha, o passo miúdo e enérgico levantando a poeira quente, dourada pelo sol das sete. Descendo o morro, ia cumprimentando à esquerda e à direita. A molecada dava o grito de alerta: "Lá vem Seu Geraldo!" As mães espiavam das janelas, disfarçando o sorriso por trás das rótulas pintadas de verde, logo se recompunham, ameaçavam sérias:

— Tome jeito de gente, moleque; vá tomar bênção a seu padrinho!

Seu Geraldo parava um momento, interessava-se pela família, negava sempre a mão a beijar. Não era padre, dizia.

— Como vai a curruminha, comadre?

— Mió, Seu Geraldo. Apareceram umas perebas nela, eu estava inté pra levar ela prumode o senhor ver.

— Então vamos logo a isso, comadre, que as saberés andam doidas por anzol.

Entrava, via a doente, prometia o remédio.

— Na volta, comadre; é coisinha que pode esperar.

Se era doença grave, fazia todo o trajeto de volta, preparava a poção, descia afogando botinas na areia frouxa. Recomendava:

— Dê uma colherada das grandes, logo depois do banho. E guarde um tico da bostinha dela que eu quero ver.

Seu Geraldo ganhava o caminho que conduzia à praia, o chapelão empurrando-lhe as orelhas para baixo num jeito engraçado, a vara gingando flébil, como se estivesse sendo beliscada pelo primeiro peixe.

Aguardava impaciente aquela primeira lição. Mas Seu Geraldo tinha seus vagares. Acabara de tirar o café da trempe e

adoçava-o com rapadura, enquanto rolava um pouco de fumo negro entre os dedos, preparando o cigarro forte e odoroso. Por fim levantou-se, retirou do fogo uma brasa com a concha da colher, encostou-a ao cigarro, chupou fundo, bafou as palavras:

— Então, menino, vamos começar?

Abri livros e cadernos. Seu Geraldo entrou a me fazer perguntas.

— Quantas são as partes do mundo?

— Cinco, respondi prontamente. — E despejei sapiência: — Europa, Ásia, África, América e Oceania. — Geografia era meu forte.

— Quais são os principais rios do Brasil?

— O Amazonas, no Estado do mesmo nome; o Tocantins, no Pará, o São Francisco, na Bahia...

E fui por aí.

— Sabe frações decimais?

Aritmética era meu ponto vulnerável. Encafifei:

— Só um tiquinho, Seu Geraldo.

— Como? — espantou-se. — Quer prestar exames no Ateneu e me vem com "um tiquinho" para Aritmética? Vamos ver isso, menino!

Saí da primeira aula tonto, números tripudiando à solta dentro da cabeça. E desanimado. A possibilidade de passar nos exames me parecia longe como a boca da Barra.

O programa era enorme e eu não tinha base nenhuma, salvo dois anos de grupo escolar. Aquilo era pouco, pouquíssimo. E Seu Geraldo mais me desanimou, com seu silêncio carrancudo e misterioso. Não disse nada, uma palavra que tranqüilizasse minha pobre cabeça mal afeita a tamanho esforço de recuperação. Salvo a exclamação com que encerrou a aula:

— Estude. Vamos tirar o atraso, Seu João!

E foi esta a única frase de consolo que arranquei dele, durante um mês de aula inteirinho.

Capítulo V

A BOCA DE DORA

As manhãs daquele fim de verão eram quentes e feias. Difuso e implacável, o sol adoecia tudo quanto tocava com a sua mão amarela. Nos quintais, mamoeiros e cajazeiras pendiam murchos, as folhas crestadas pelo terral que tombava em rodaminho sobre os tetos dos casebres e ia depois se refrescar, carregado de poeira, nas águas do mar.

Galinhas cacarejavam na lama quente e fétida dos terreiros, asas caídas feito leques derrotados pelo calor, bicos mergulhados nas gamelas de água do quintal. Só as bananeiras punham uma nota verde e repousante no mormaço insuportável. À sua sombra patos e marrecos, olhos pisados de sol, aninhavam-se no chão refrescado, os longos pescoços instintivamente encolhidos para se furtarem à evaporação dos restos de umidade da nesga de terra que os abrigava.

O cacimbão que servia à redondeza secara. As veredas que conduziam às Rocas de Dentro coalhavam-se de saias de mulheres que iam encher potes e latas com a água salobra dos barreiros cavados na praia. Atulhavam o caminho com gritos e exclamações, latas faiscando, gargantas tinindo sons no céu envernizado pelo calor.

Na Gamboa da Barra o mangue dormia uma sesta misteriosa, só de raro acordada pelo grito das gaivotas que flechavam em pleno vôo os pequenos peixes do canal.

No fundo do quintal, escondidos nas touceiras de capim-navalha, os preás gemiam doridamente, as narinas sensíveis fungando o ar escaldante, como se dele se quisessem amamentar gulosamente.

Sofriam os efeitos da soalheira mais do que qualquer outro bicho do quintal. Saí para vê-los.

Era uma criação bonita e nédia à qual eu dedicava zelos inexcedíveis. Muitas vezes, tarde da noite, ouvindo seus grunhidos de aflição, deixava a rede e, pé ante pé, tonto de

sono e de raiva, vinha acudi- los dos gatos da vizinhança, que rondavam o chiqueiro de varas com uma paciência macia de feras famintas, os olhos fosforescendo amorosos entre as varas, um desejo mau latejando nas pupilas amarelas.

Enxotava-os com pedradas e nomes feios, guiando-me pelo brilho esquisito que irradiavam na escuridão. E só abandonava o quintal quando, revisada cuidadosamente a faxina, ouvia os preás grunhirem baixinho sua loa queixosa, que soava aos meus ouvidos como ternura de bicho agradecido.

Faltava água no cocho, verifiquei. E, como não havia também em casa, peguei a lata grande e me encaminhei para as dunas. Ia enchê-la na cacimba da praia.

Munido de potes e rodilhas, o mulherio das Rocas reunira-se espreitando o filete de água que vazava pingo a pingo das rochas faiscantes e ásperas da ribanceira.

Moleques de cabelos afogueados brincavam na areia, pernas e braços cinzentos de poeira. Ganhavam o morro e iam catar as frutas de cardo que gritavam vermelhas dentro do mata-pasto.

Aguardava a minha vez de encher a lata. Ia demorar, tomei tento ganhando o caminho que ia dar à sombra farta e cochichosa dos coqueiros.

Detive-me numa campina de sombra mais cerrada e improvisava uma enxerga de melão-de-são-caetano quando uma voz soou tão perto que levei um susto. Levantei os olhos e dei cara a cara com Dora.

Viera com as outras, maliciei vendo a lata que conduzia; e perdera- se por ali, fugindo do sol impiedoso que massacrava o povaréu acorçado na praia, espreitando o filete da água da cacimba.

Era uma menina de treze para catorze anos, traços quase finos para um rosto de mulher das Rocas. Usava um vestido relaxado sobre as formas, que ainda assim se faziam harmoniosas, agradáveis de olhar.

Esbelta para a idade, formava já ao lado das grandes, embora o corpo magro, que lhe emprestava um ar de menina,

destoasse no meio das outras. Eu a via de longe em longe. Dora estava sempre entregue às ocupações que lhe enchiam o dia.

Morava nas Rocas de Dentro com a família — mãe e irmãos; o pai era morto, trucidado numa noite de bebedeira pelas rodas do automotriz da Central.

Recebi-a com uma raiva estudada, que escondia principalmente o susto que ela me causara:

— Quem dera que me assustasse, Magricela!

Tratávamos assim a Dora, de "Magricela". Ela não se incomodava. Mas, sentindo a minha hostilidade, retrucou:

— Pensa que é algum Zé Gordo? Magricela é você, seu cara de tacho!

— Cara de tacho uns coletes velhos, sua gata lambida!

E fomos por aí, às turras, numa agressividade feita de baixo calão e pesados insultos, como se fazia nas Rocas, por qualquer coisa.

Dora mergulhara a lata de borco, que ficou bem plantada no chão, fazendo de assento. Escanchou-se nela e tamborilando com a ponta dos dedos ia desfiando uma cantiga que corria na boca de todos:

*Pinião, pinião, pinião
Pinto correu com medo do gavião.*

Cantava e batia na lata, a quietude era boa, o mato quebrado cheirava fresco. Sentia como formigas andando pelo corpo, amolecia de estranho preguiçamento. A voz de Dora soava manso e perto e o seu corpo tinha um cheiro bom e novo, no qual só agora atentava. Cheiro de carne lavada com sabão grosso e água de cacimba, pensei confuso, espantado daquele queixume de água que vinha na voz de Dora, lavando o silêncio que a cantiga não lograva destruir.

Batidas de sol, as folhas de mata-pasto se contorciam no chão feito cobras expostas ao mormaço. E a voz de Dora seguia triturando cantigas blandiciosas que falavam do mar e de praieiros que não voltaram, deixando noiva a esperar.

*Era o meu lindo jangadeiro
de olhos da cor verde do mar...*

O cabelo de Dora tinha se desprendido devagar no ritmo da cantiga, era como fiapos de música tangidos pelo vento. Me erguera fascinado, estava pertinho dela, sentia seus cabelos roçando na minha boca. Queria acariciá-los, mas tinha medo que Dora parasse de cantar.

*Ele passava o dia inteiro
longe, nas águas a pescar...*

Dora cantava ainda mais baixinho, marcando surdo o compasso no fundo da lata que soava como um tambor — *tan, tan, tan*. Eu tinha decerto qualquer coisa de esquisito nos olhos quando ela me olhou, pois encolheu-se de susto, ficou muda e séria de repente.

Aproximei-me, sentei na raiz acavalada de um coqueiro, procurando as palavras. Estava sem jeito, tinha um nó de emoção nos restos da voz sumida.

— Você canta melhor do que as moças do coro da igreja, Dora...

Minhas mãos tocavam-lhe os cabelos, afagavam-lhe o rosto. Fiz menção de abraçá-la.

— Você deixa, Dora?

Ela deu um muxoxo, depois riu contrafeita mostrando os dentes de placas iguais, brancos de nele esfregar fumo de rolo, o dentifrício feminino das Rocas. Depois falou com ironia.

— Ainda não é estudante e já se bota a bolinar a gente, hem, João?

Corei de raiva e de vergonha. Suas palavras eram uma alusão aos rapazes da Cidade Alta, que se aproveitavam das moças das Rocas como passatempo.

Levantei-me amuado, ela imitou-me, arrancando com força a lata que afundara na areia.

E seguimos calados pela vereda castigada de sol.

Já ouvíamos pertinho as vozes do mulhério conversando soltas em torno da cacimba, quando Dora parou de supetão e olhou-me fundo. Eu estacara também, ficamos assim um pedaço, latas faiscando no chão, algo nos impelindo um para o outro, mãos se chegando.

Não partiu de nenhum de nós, foi como se obedecêssemos a uma ordem de fora. Mas aquilo vinha de dentro de nós mesmos, embora estivesse também no silêncio, no mormaço, na languescência da cantiga que há pouco brotara na boca de Dora, arisca e enleada como passarinho preso ao visgo, enquanto eu a beijava, uma, duas, muitas vezes.

Algo acordava dentro de mim e era bom e novo, vinha sentindo de volta, enquanto o balanço da lata me atirava pingos de água nos ombros e no rosto. A água me escorria pela cara, vinha acabar na boca, macia e morna, furtiva como os beijos que eu dera em Dora.

Fechava os olhos e via Dora, seus lábios cocegando nos meus como uma fruta comida de vez. Sentia aquele gosto novo e queria retê-lo na saliva que deglutia com força.

"A boca de Dora é como fruto de cardo", pensei à porta de casa, desequilibrando devagar a lata de sobre o ombro, para aliviar-me do peso. "De cardo, não", corriji mentalmente, despejando a água nos cochos. "Cardo tem espinhos; a boca de Dora é caju do sítio de Seu Tico, que não serve para doce, de tão açúcarado".

Nos cochos agora cheios os preás se atropelavam, focinhos mergulhados na água fresca. "Pinião, pinião, pinião..." — latejava em meus ouvidos a cantiga de Dora.

Capítulo VI

RABICHO

Era como se tivesse adoecido de repente, a febre tomasse conta do corpo, com ela viesse o delírio. Entrincheirava-me por trás do silêncio mutilado pelas rugas que coroavam a testa adolescente. Um ruminar de bicho acuado que dava na vista.

— Esse menino tá com quebranto; não pode ser outra coisa — dizia Dona Laura. — Só levando ele à Sé Grande, três sextas-feiras seguidas, para rezar o terço.

Eu ouvia calado, embrulhado em meu aniquilamento.

Os olhos rolavam soltos por dentro, de casa, ganhavam a janela, voavam para fora, como passarinhos gulosos de luz e de espaço. Céu azul bulindo-me com as entranhas, o daqueles dias.

Arrastava uma esteira para o quintal, deitava-me à sombra da gravioleira, ficava olhando as nuvens altas que corriam sobre minha cabeça, brancas e intocáveis como carneiros de presépio.

Seu Geraldo também se inquietava. No mais aceso de uma explanação sobre a órbita da Terra, parava, encarava-me de supetão:

— Está compreendendo, João?

Respondia que sim, vagamente enleado pelo temor de que ele me mandasse repetir as palavras. Não entendera patavina. Seu Geraldo acabava capitulando diante da minha perplexidade, ordenava:

— Pode ir para casa, João. Por hoje chega. Amanhã voltaremos à lição.

Despedia-me, disparava morro abaixo, sacolejando livros e cadernos, caminho do mar.

Na praia as ondas esmurravam os recifes numa fúria branca e impune de xarias caindo sobre canguleiros desprevenidos. O vento frio, imantado de pingos de água, salvava-me nas têmporas, jararaca correndo no mato-pasto — psiu... psiu... psiu...

O corpo mole, pedindo encosto, a cabeça burra e escura, pensamentos chispando nela como coriscos em noite de trovoadas. "O que você tem é xodó... Está arriado, cabra; arriado por Dora" — parecia ouvir, vinda do mar, essa primeira confissão de amor.

Era isso; estava arriado pela doença do amor, praga que devastava o povo das Rocas tanto como a dos maruins. Nada entendia de amor, era evidente. Nem disso se cogitava nas Rocas.

"Amor" era palavra que ali circulava apenas na boca de uns poetas da cidade que faziam serenata em noites de lua e de madrugada iam embora, os violões ganindo sons pela estrada.

Também havia a literatura em folhetins jogados pelas janelas e depois recolhidos pelos agentes que percorriam as Rocas propondo assinaturas que nunca eram tomadas.

O pessoal lia, ou melhor, ouvia a leitura daquelas histórias tristes e intermináveis que falavam de moças suspirosas e de maridos traídos, de avaros que enterravam dinheiro, de ladrões de jóias, de pistoleiros elegantes, de mães perversas que se desvencilhavam dos filhos para correr atrás dos amantes. Mas essa era uma língua morta para o povo das Rocas. Não entusiasmava ninguém. Antes cuspiamos com desprezo:

— Sujos!

Muito melhor eram os panfletinhos de tostão comprados na feira, contando em rimas capengas a odisséia de João e Maria, o fausto da Princesa Magalona, as proezas de Lampião. Aquilo, sim, acendia o entusiasmo.

Já os dramas à base do sexo e da fortuna, devorados pelo povo da Cidade Alta, nos deixavam enojados ou indiferentes. De amor entendíamos apenas aquilo que praticávamos sem cogitar que nome tivesse; casar e fazer filhos.

Mas, homem e mulher nem sempre casavam, nas Rocas. Se os tempos eram bons, decidiam dar o "mau passo" e a igreja de São Jorge se enchia de casais que iam pedir o selo de Deus para os seus amores. Se eram tempos de crise, juntavam-se publicamente.

E embora o vigário profligasse os amancebados do púlpito, cada domingo, aquilo era coisa consumada e bem aceita. Casamento era luxo, espécie de festa reservada apenas para os anos em que as pescarias eram boas e sobrava algum dinheiro.

Grupos eram então vistos passar em romaria à igreja, os noivos muito anchos pelo braço um do outro, os parentes fazendo festas, ditos e risadas explodindo a propósito de qualquer coisa.

Os mais abonados subiam mesmo à Cidade Alta para pedir a bênção do vigário da igreja do Bom Jesus.

Mas isso era raro. A maioria casava ali mesmo, na capela dos Reis, assistida pela algazarra da vizinhança e a gravidade do padrinho, geralmente um rude pescador lutando por parecer natural debaixo das roupas engomadas que envergava nesses dias.

Vinham porém os anos em que o peixe se negava aos anzóis ou a fartura das marés piscosas forçava a baixa do pescado, que apodrecia nos mercados da Ribeira e da Cidade Alta onde era vendido a qualquer preço. Então, como protesto inconsciente à insensibilidade daquele Deus que era um mau sócio, os noivos não subiam à sua igreja para concertar as bases terrenas de seu amor. Amasiavam-se e iam viver juntos para o resto da vida, que enxoval e bênção do padre o mar negara.

Assim acontecia nas Rocas o amor adulto. Já o amor adolescente, esse, coitado, era aquele inseguro sentimento que tamborilava em meu peito, perdido na praia, pensando em Dora, temeroso e aluado. Estava enrabichado, sabia. Cedo aprendera nas conversas dos outros o nome daquela coisa braba que mais parecia doença e que assolava a todos nas Rocas. Até meninos, como eu.

Era isso — RABICHO, XODÓ — ia garatujando com o dedo em grandes letras na areia. E mais o nome da praga — DORA. E mais uma seta e um peixe-estrela e um sol e uma lua e uma jangada e um livro aberto. E mais isso e mais aquilo, que nas Rocas, como na Cidade Alta, amor de menino era assim mesmo.



Era como se tivesse adoecido de repente. Amor de menino era assim mesmo.

Capítulo VII

A BRIGA

Ia para o segundo mês que estudava com seu Geraldo. Com o tempo me fazia seguro, a matéria já não baralhava na cabeça. Sentia que fizera progresso. A possibilidade de passar nos exames era agora menos remota, vivia sonhando com ela. Seu Geraldo é que continuava inflexível, nunca estava satisfeito. Ditava trechos enormes, corrigia, esclarecia, criticava, excitado e impiedoso. Até parecia que era ele quem ia se submeter aos exames.

— Você precisa melhorar a letra, João! — estava sempre dizendo. — O seu ditado de ontem tinha três erros, isso é horrível. O que irão dizer os lentes, lá do outro lado? (Dizia sempre "lá do outro lado", referindo-se aos moradores da Cidade Alta). Atacava a minha trôpega geografia.

— Você escreveu que Macau fica no Rio Grande do Norte. o escreveu bem; mas não lhe ocorreu que não é o único João deste mundo? Há no Oriente uma possessão portuguesa com o mesmo nome. Veja no mapa.

E me botava em cima dos olhos o livro enorme e colorido, lá estava Macau, uma pinta marrom. Eu exibia um riso de auto-absolvição, mas Seu Geraldo já investia contra a minha aritmética.

Contudo, estava fazendo progresso. Aprendia rapidamente. E o que aprendia com Seu Geraldo tinha base: entrava-me harmoniosamente na cabeça e lá se fixava como tijolo de construção em argamassa fresca.

Minha vida estava sofrendo uma transformação. Sentia isso depois da aula, quando sozinho (meu pai andava no mar, de viagem; minha madrasta era uma sombra que mal se adivinhava em casa, cantarolando seus "benditos" macios, no vaivém da sala para a cozinha), eu ficava a olhar da janela a vadiagem dos moleques da vizinhança, companheiros das minhas passadas estripulias.

Agora era a Aritmética, a Geografia, a História do Brasil que Seu Geraldo ministrava em doses maciças, como quem acode a uma necessidade. No entanto os garotos chapinhavam na lama do mangue ou atiravam pedras sobre a água tranqüila, e uma coisa estava me chamando, tomando conta de mim. Lá de dentro chegava a voz branda de minha madrasta como uma insinuação ao companheirismo dos livros:

Queremos Deus, que é nosso rei...
Queremos Deus, que é nosso pai...

...dizia o seu "bendito". Mas eu queria era a rua, a agitação, a beleza cheia de podridão do mangue, que era como perfume para as minhas narinas abertas desde a infância a todos os seus cheiros.

Deixei a janela, num pulo estava lá, atirando pedras com os outros, tirando "caçote" da água adormecida. A turma me recebeu como irmão; mas Budião tinha um cumprimento especial:

— Visitando os "pobres", feito Madre Francisca, hem, "doutor"?

Houve uma risadaria à qual reagi inchando o peito como um frango de briga:

— Que é que você tem contra mim, seu cara de peixe?

— Cara de peixe é a mãe! — explodiu Budião, da cor de siri torrado.

Ele sempre admitia a alcunha de "Budião", mas não o significado dela. "Cara de Peixe" era o insulto mais pesado que alguém lhe podia dirigir.

Quanto a mim, órfão desde que me entendia por gente, falar de minha mãe era como golpear-me na cara. Sentia por ela um imenso respeito, um zelo de coisa sagrada que se cultua em silêncio, só com a imaginação.

Assim, investimos um contra o outro, cada qual ruminando a ofensa ouvida. Trocamos os primeiros sopapos. Súbito, num golpe de sorte, atingi Budião em pleno rosto: senti a mão

mergulhar no seu nariz, que se fez chato e molhado. O sangue espirrou quente, lavando-lhe a camisa.

Estacara atônito, olhando. Budião aproveitou-se, veio para cima de mim de braço no ar. Aparei mal o golpe, rolamos no chão, engalfinhados.

A molecada fazia círculo e gritava: "Dá nele, Budião!" Aquilo me doía fundo. Todos contra mim, era uma covardia, uma traição.

Com um esforço sobre-humano consegui dobrar Budião, e, então, cegamente, esmurrei-o à vontade, lágrimas de ira brotando-me dos olhos.

Budião já não reagia, protegia-se do meu ódio impiedoso, as mãos feito dois cascos de cuia viradas sobre o rosto, servindo de defesa. Larguei-o bruscamente, levantei-me, pus-me a concertar a camisa, ofegante. Os botões tinham estourado as casas, com violência. Sentia-me enojado.

Aquelas palavras de estímulo ao inimigo — "Dá nele, Budião, dá nele" — doíam-me como se Budião me tivesse acertado duramente.

Budião se levantava todo enlameado, os olhos pisados, um veio de sangue escorrendo do nariz. Olhava-me fixamente.

— Ainda quer mais? — rosnei ameaçando-o. Mas estava muito cansado, triste e humilhado. Arrependia-me de ter batido em Budião.

Ele continuava encarando-me e súbito teve uma frase só, dura como eu nunca ouvira de ninguém:

— Xarias! Xarias! Traidor!

Depois, afastou-se, seguido dos outros. Ganhei também o caminho da casa. Ia puxar a taramela da porta quando vozes em coro voaram sobre o mangue, batendo-me em cheio nos ouvidos, como uma pedrada.

— Xarias! Xarias! Traidor!

No dia seguinte não compareci à aula.



*Com um esforço sobre-humano consegui dobrar Budião
e, então, cegamente, esmurrei-o à vontade.*

Capítulo VIII

XARIAS E CANGULEIROS

À noitinha Seu Geraldo apareceu lá em casa. Folheava meu ensebado *Exame de Admissão*, quando ele entrou. Estava deitado na rede da saia, o candeeiro alumando as páginas, absorto na leitura. Só o pressenti quando a porta bateu devagar, fechando-se. Vi de relance sua sombra miúda crescer para mim, mal tive tempo de esconder o livro. Ele o vira, com toda certeza. Foi logo perguntando:

— Por que não apareceu hoje, João?

Ergui-me da rede, fui à janela, falei olhando o negrume da noite para disfarçar:

— Não quero mais estudar, não, Seu Geraldo.

Silêncio. Eu contava com uma resposta pronta, uma admiração, um protesto. Mas Seu Geraldo ficou mudo. Virei-me. Ele folheava o livro que eu deixara dentro da rede. Mostrou-mo:

— E este livro?

O silêncio agora era meu, silêncio encabulado de quem é pegado fazendo coisa feia.

— Olhava só as figuras — consertei.

Mais silêncio. Os sapos coaxavam lá fora. Do quarto pegado vinha um murmúrio de contas reunindo: minha madrastra rezando. O cachorro dos alemães gania longe, para os lados do hangar da Condor.

— João, que houve com você, menino? — insistia Seu Geraldo. — Acho que tenho direito a uma explicação.

Sua voz era magoada como a do cachorro ganindo lá fora. Ecoava pela sala, cheia de uma inflexão que me punha arrepiado, triste de vê-lo decepcionar-se assim por minha causa. Refugiei-me numa mentira:

— É que hoje completa o mês, Seu Geraldo; meu pai anda embarcado e eu ainda não tenho o seu dinheiro.

— João — a voz de Seu Geraldo tinha agora uma entonação admirada — ou eu não o conheço bem, ou então

você ainda está mentindo. Qual é o motivo, João, o verdadeiro motivo?

Aproximara-se, pusera a mão sobre meu ombro, era quase da minha altura, Seu Geraldo. Havia um espanto tão tranqüilo em seus olhos que não pude continuar mentindo.

— Foram eles, Seu Geraldo — tropecei nas palavras. — Me chamaram de "doutor", de "traidor", de "xarias"...

E num rompante que era um grito de decisão:

— Não voltarei mais para a. aula, não voltarei! Não quero ser "doutor". Quero ser como eles, o Budião, o Varapau, o Tatu. Quero voltar a ser um deles, Seu Geraldo. Quero ser canguleiro!

Exaltara-me, as últimas palavras foram ditas em berros de choro, como se lutasse por conservar alguma coisa que me tentavam arrancar à força.

Seu Geraldo conservara a mão sobre o meu ombro. Ficamos assim até que ele quebrou o silêncio.

— João — começou, sentando-se na rede — precisamos conversar sobre certas coisas. Você ainda é uma criança, seu pai está fora, vive no mar e eu tenho idade por quatro de você. Sei como está se sentindo, fui talqualzinho em menino; por isso quero lhe falar daquilo que aprendi com você.

— Não está querendo dizer o contrário, Seu Geraldo? — falei, tentando decifrar o fio do seu discurso.

— Não, menino, pretendia dizer o que disse. Você é canguleiro, João, e canguleiro continuará a vida inteira. Leio isso em seus olhos. Mas para que possa continuar canguleiro, você deve lutar, tem que aprender a permanecer "canguio". E uma das formas de sua luta, João; é ir à aula. Eu o escolhi por isso, ou melhor, você se escolheu quando me procurou naquele dia pedindo-me para ensinar-lhe. Há muito tempo que vivo neste mangue, e isso nunca me acontecera. Todos me procuram para que eu escreva cartas, cobre dívidas, resolva seus casos de amor. Nunca, porém, até você aparecer, ninguém me pediu para ensinar. Sempre dei tudo a este mundo das Rocas. Mas dei apenas o que ele pedia. Logo, foi você quem escolheu, João, que se elegeu entre todos os garotos das Rocas; é a você

mesmo que cumpre executar a tarefa. Seja canguleiro, João, acima de tudo canguleiro. Mas seja canguleiro estudando, aprendendo, indo para diante, como fazem os xarias lá do outro lado.

Parou, pequeno e excitado.

— E os outros, Seu Geraldo? Eles me chamaram de xarias.

— Não, menino, — exclamou com impaciência, — você é mais canguleiro do que eles, qualquer um deles. Você é um canguleiro que vai à aula. Ao passo que os outros, que jamais irão à escola, esses nunca serão canguleiros.

Calou-se, como procurando um termo que os situasse, definisse a todos para o resto da vida; e quando encontrou:

— Serão o que os xarias quiserem que eles sejam.

Senti um aperto no coração. Estava surpreendido com aquela veemência de Seu Geraldo, nova para mim. Espantava-me daquele jogo vertiginoso de duas palavras — xarias e canguleiros, canguleiros e xarias — uma esmagando a outra, reunindo na boca de Seu Geraldo como coisas opostas, irremediavelmente separadas, coisas "antônimas", pensei gramaticalmente.

Aquilo me dava uma impressão de abismo de bordas irreconciliáveis. Lembrei-me de coisas inexoravelmente afins e inimigas: roda e caminho, mar e jangada, cinturão apertado depois do jantar — o mundo dos contrastes vividos e observados pelos meus olhos de onze anos.

Seu Geraldo falava ainda, dizia que eu fosse à aula. Prometia que sim, mas só por dizer. Pisava numa nuvem, tinha a cabeça em grande confusão.

Quando Seu Geraldo foi embora, me deitei na rede e fiquei cismando no que ele dissera. Depois adormeci e sonhei a noite inteira. Um sonho ruim que durou até de manhã. Via Tatu, Budião e Varapau brincando na lama do mangue. De súbito a lama se abria em duas bandas ferventes (gritava perdidamente, avisando-os) mas eles iam sendo tragados um a um.

Acordei tarde naquele dia. Através da janela aberta avistei o mangue ondulando blandicioso, todo lavado e repintado de

verde pelos ventos da madrugada. Vendo aquela tranqüilidade, esqueci meus terrores noturnos, lavei-me na cacimba do quintal, tomei o café que minha madraستا deixara sobre a trempe da cozinha, e saí. Ia à aula.

Capítulo IX

PAPA-OVO

Papa-ovo apareceu doente. Cedinho procurei Seu Geraldo na farmácia, encontrei a porta fechada. Dona Eulália, que morava pegado, me informou que Seu Geraldo fora à cidade, só estaria de volta à tardinha.

Desci o morro ruminando meu desconsolo, fui olhar Papa-ovo no fundo do quintal. Continuava morrinhento, o olho amarelo pingando uma ramela triste.

Ofereci-lhe um osso, recusou. Enchi o alguidar com água fresquinha, levei-o a Papa-ovo. Doente daquele jeito devia sentir sede. Papa-ovo bebeu sôfrego, uivou aflito, virou o focinho para longe da água. O jeito era voltar a meus livros, abandonar Papa-ovo no fundo do quintal até a volta de Seu Geraldo.

Papa-ovo era e não era meu. Aparecera lá em casa, e, apesar da má-vontade de minha madrasta, fora ficando. Às vezes desaparecia uma semana; quando menos esperávamos, entrava casa adentro fazendo festa, abanando a cauda, lambendo-me o rosto, cheio de enxerimento.

Era de uma raça particular, patrimônio das Rocas, que se caracterizava pelos ossos à mostra, rabo caído, pêlo ralo, presas bem desenvolvidas pela ginástica da caça às pulgas e carrapatos que lhe encarocavam a pelanca.

Os quintais das Rocas eram tão pobres de restos de comida quanto as cozinhas. Vianda farta só nas casas de veraneio, quando as praias próximas se enchiam de famílias vindas da cidade, nos meses de calor.

Os cachorros das Rocas, apelidados genericamente de *papa-ovo*, estavam sempre fazendo o comércio de ida e volta à Praia do Meio (mais de uma légua) para manterem o couro das costas pregado decentemente às costelas.

Findo o verão, a Praia do Meio ficava deserta. O vento entrava a gemer triste pelas frinchas das casas fechadas, o mar se encapelava. Os papa-ovos reapareciam nas Rocas. Voltavam

mais cheios de corpo, o pêlo lustroso, uma energiazinha de máquina azeitada comandando-lhes os movimentos.

Nos restantes nove meses do ano os cachorros das Rocas passavam fome. Uma fome que extravasava à noite, calada e insuportável.

Mal os casebres dos pescadores pegavam no sono, saíam fuçando restos de comida e porcaria pelo fundo dos quintais.

Formavam magotes silentes e escuros e nunca brigavam por osso, creio que para não acordar ninguém. A fome, de tão velha, como que os socializara. Muitas vezes, com uma única pedrada, eu os enxotei sem que arrancasse deles um uivo de protesto, no momento em que começavam a roer as espinhas de peixe jogadas no barreiro do quintal.

Quinhão muito disputado pelos papa-ovos eram os ovos e pintos dos terreiros. As galinhas, coitadas, não tinham um minuto de tranqüilidade nas Rocas. Criar filhos era para elas uma porfia estéril e cheia de perigos.

De dia era aquela rotina do gavião sobrevoando os quintais com sua camuflagem carijó, os olhinhos redondos e acesos faroletando dos ares, o bico curvado, as garras encolhidas muito de sabedoria, prontas para se cravarem na presa: aquela bolinha de penas amarelas que piava e rolava atarantada no meio do quintal.

À noite lá vinha papa-ovo arrancar os filhotes do aconchego de penas daquelas mães aflitíssimas.

Pagavam caro, os ladrões. Bicada de galinha quando acerta é para valer. Por isso, cachorro comedor de pinto era de fácil diagnóstico nas Rocas: andava de uma banda cega, o olho vazado.

O bairro era uma espécie de país camoniano, povoado de cachorros cegos de um olho.

Do avança nos ovos então nem se fala. Os papa-ovos descobriam o ninho muito bem escondido no meio do mato e era aquele regalo. Mas sabiam comer com inteligência e vagar, os famintos. A fome os disciplinara. Chupavam um ovo de cada vez, para não dar na vista.

A galinha ainda assim dava falta do ovo, mudava o lugar da postura. Mas os cachorros tinham um faro tirano: em noite de lua eu avistava seus vultos macios esgueirando-se pelas moitas à cata de uma gemada.

Papa-ovo era um desses. Aparecera lá em casa, gostara da comida, que era pouca mas continuada, e fora ficando. Até que um dia pegou o primeiro pinto. Exatamente o pedrês, chamego da minha madrasta.

Dona Laura tentou iniciar Papa-ovo no respeito à propriedade alheia: deu-lhe umas tamancadas. A lição baralhou-se em sua cabeça: passou a verter-se todo quando via um tamanco; mas uma semana depois passou nos peitos um segundo pinto.

Dona Laura tentou um castigo de eleição. Juntou as penas ainda sangrentas da pequena vítima, untou-as com pimenta-malagueta e esfregou a paçoca no focinho de Papa-ovo.

O pobre passou a noite ganindo e bebendo água. Mas no dia seguinte papou um terceiro pinto.

Então Dona Laura demitiu-o de seu afeto e expulsou-o. Papa-ovo ficou rondando a casa uns três dias, implorando anistia. No quarto dia compreendeu que aquele tribunal de Dona Laura era sem apelação. O símbolo de sua justiça continuava pregado à porta numa advertência: o tamanco.

Papa-ovo sumiu, foi cavar a vida noutras paragens. Mas dava suas incertas lá em casa. O verão chegara e com ele a comida. Vinha mais para matar as saudades.

Entrava como um azougue pela casa adentro, fuçava a camarinha, saltava-me às pernas, ia até o quintal espiar as aves. Dona Laura dava o grito de alerta:

— Passa fora, cadelo!

O tamanco fendia o ar, Papa-ovo disparava porta afora. Da rua, sentado sobre o traseiro, fixava o olho magoado e sozinho em cima de nós, depois caía em ruim sedição.

Gente ingrata! Desfazer de sua amizade por causa de meia dúzia de pintos goguentos. Deixasse chegar o inverno que iam

ver. Passava tudo no papo. Apanhava outra surra de tamanco mas não haveria mais lugar para futuros desentendimentos.

Gania, catava as pulgas, ruminava suas idéias de cão e depois ia embora, que o verão começara e os pintos da Praia do Meio eram um osso muito mais tenro de roer.

Agora Papa-ovo reaparecia doente daquela maneira. Chegara arrastando-se, jogara seu olhinho amarelo como um pequeno sol triste em cima de mim, depois rolara-o temeroso na direção de Dona Laura. E fora encolher-se à sombra da bananeira, no fundo do quintal. Dona Laura comoveu-se:

— Coitadinho! Vá ver que foi bola!

O dia foi crescendo, descambou na tarde, encaneceu num ocaso todo salpicado de nuvenzinhas brancas. E Seu Geraldo não aparecia.

Levei uns restos de almoço a Papa-ovo. Recusou. Voltei aos livros e, noite fechada, seus ganidos passaram a uivos fortes.

Subi de novo o morro à procura de Seu Geraldo. Não tornara.

Fiz todo o trajeto de volta às carreiras. Perto de casa estaquei, apurei o ouvido. Os uivos de Papa-ovo tinham cessado. Disparei de novo, esperança e temor revezando-se em meu coração.

Estaria dormindo ou perdera a voz?

Na cozinha encontrei Dona Laura calada, mexendo a panela. Assoava-se na barra do avental.

— Morreu assim que você saiu. Foi bola mesmo.

E chorava — um choro miúdo e contido — qui...i...i...

Capítulo X

A CERCA

Budião arrancou uma lasca de madeira da cerca, fez um desenho na areia, perguntou a Porco-Espinho:

— Você sabe o que é isto? Porco-Espinho abanou a cabeça, ignorante. O tufo de cabelos vermelhos, eriçados no meio da testa, brilhou ao sol como um feixe de cobre. Não sabia.

Olhei para Porco-Espinho — estava perplexo. Ninguém lhe falava nessas coisas, tão fáceis na boca de Budião. Espicada, sua curiosidade apurou-se. Adivinhei-o no limiar de uma grande descoberta.

Na casa verde, confiava nele, as poucas vezes que tentara abordar o assunto de sexo, fora um deus-me-acuda! À pergunta tabu a tia empalidecera, largara o crochê, refugiara-se no escritório.

Refeita, o rosto fechado numa grande dor, mandara-o brincar lá fora. E pendurara-se no telefone, numa larga conferência com a avó, que morava na Cidade Alta.

No balanço do jardim, Porco-Espinho espantava-se da enormidade daquele mistério. Passara a temê-lo como uma coisa muito má. Pelo vidro da janela acompanhara disfarçadamente a gesticulação da tia, a mímica das mãos, aquele tique de sacudir a cabeça para trás, característico dos momentos de suprema aflição.

A coisa devia ser grave mesmo. Tão grave quanto o mistério em torno de seus pais, outro motivo para o desarvorado gesticular das mãos da tia, quando Porco-Espinho arriscava alguma pergunta a respeito.

A perplexidade de Porco-Espinho cedeu lugar a uma intensa admiração pelo amigo. Budião era o maior. Sabia tudo, via tudo, dominava tudo como um grande, um homem feito. Principalmente o mundo fascinante e proibido que ficava do outro lado da cerca.

Budião sabia pescar siri com isca de carne, assoviar chamando a moréia. Nadava como peixe, tinha quixó para pegar goiamu; fabricava e vendia baladeiras aos outros meninos; trepava em coqueiro como sagüi; sabia pular o muro do sítio dos padres, todo erigado de cacos de vidro, só pelo gosto de chupar um caju roubado.

Uma única vez Porco-Espinho vira Budião perder aquele desembaraço, tornar-se mofino feito cachorro apanhado. Certa manhã, nós três de conversa ao pé da cerca, Porco-Espinho convidou:

— Vamos olhar o pombal?

— E a velha? — perguntei.

— Tia foi à cidade. Telefonou dizendo que não volta antes do jantar.

Budião mergulhou rápido por baixo da cerca, imitei-o, dirigimo-nos para o pombal. De curiosidade em curiosidade chegamos à cozinha. A preta Severina deu o grito de alarma.

— Trazendo esses moleques de boca suja para dentro de casa! Vou contar tudo à sua tia. Tintim por tintim.

Porco-Espinho embromou-a com a conversa de que viéramos apanhar umas flores para a igreja das Rocas; e chegamos incólumes à sala de jantar.

A mesa enorme cercada de cadeiras forradas de couro, o guarda-louças pejado de prataria, os reposteiros e quadros, era tudo um mundo novo e inesperado onde nossos olhos de moleques das Rocas pisavam com insegurança. Eu e Budião perdíamos-nos em gestos prudentes, vizinhos da timidez. Agora os papéis se invertiam. Era Porco-Espinho quem falava com desembaraço, dando as cartas, iniciando-nos nos mistérios daquele mundo envernizado e rebrilhante que cheirava a naftalina e óleo de peroba. E exorbitava, o diabo do Porco-Espinho. Entreabria uma porta, empurrava a cabeça de Budião para dentro, este deslumbrava-se:

— E esse troço aí dentro?

— É o escritório de tia.

— Puxa!

Porco-Espinho fechava a porta devagar, insinuava a honra daquela porta aberta excepcionalmente para nós.

— Aí ninguém entra. Nem eu.

Não estava achando grande coisa o tal escritório. A escrivanhinha preta lembrava caixão de defunto. E aquele cheiro de doença me transportou pelo olfato à camarinha de Dona Águeda, a nossa vizinha entrevada. Já Budião ia de espanto em espanto. Mas sua admiração maior estava ainda para acontecer. Explodiu no banheiro, quando avistou a grande banheira branca.

— Pra que serve esse troço?

— Pra tomar banho, ora.

— Você toma banho dentro ou fora desse troço?

Porco-Espinho olhou piedosamente. A forra era completa.

Afinal aquele desgraçado apelido de *Porco-Espinho* fora obra de Budião. Todas as manhãs, quando os portões da casa verde se abriam e o automóvel que o conduzia ao Colégio Marista ganhava a praia da Limpa, a molecada, brincando dentro d'água, gritava, solta:

— Lá vem Porco-Espinho! Olha Porco-Espinho!

E Budião no meio, chefiando a curra, estimulando-a, nadando feito um peixe, distribuindo cangapés à direita e à esquerda.

Agora Budião estava ao pé da banheira, fascinado, completamente rendido àquela coisa branca, cheia de água até as bordas.

— Parece um casco de lancha, hem Porco-Espinho? — diagnostiquei, buscando em nosso mundo pobre de beira de praia um correspondente para aquele objeto absolutamente inédito.

— Quando eu crescer vou comprar um troço desses. Encho de água e nado o dia inteirinho — prometeu Budião.

— Bom mesmo é a piscina da vovó — ampliou Porco-Espinho. — Quando eu vou lá mergulho e dou cangapé à vontade — mentiu.

Para Porco-Espinho aquela nossa visita era mais do que uma forra: era a libertação. Em casa da avó, não podia tirar

sequer o casaco. E ainda ganhava uma suéter à menor variação de tempo. Portas e janelas fechadas, cortinas corridas. Vovó temia as correntes de ar. Sofria de uma dor de cabeça permanente, sem causa certa. Sua conta de farmácia era a maior da cidade. Usava um turbante verde de manhã à noite. Quando saía, no carro fechado, o turbante era lilá.

Até os cinco anos Porco-Espinho morara com a avó. Cheia de cacoetes, a velha contagiara-o da mania de doença. Andava pela casa com o bolso cheio de comprimidos, dormia com uma bolsa de água quente sobre a virilha, padecia de uma eterna e imaginária dor de barriga.

— Minha barriguinha está doendo! — gemia pelos cantos com um arzinho sofrido. A avó acorria, o telefone funcionava no rumo da farmácia, chegavam remédios, pacotes deles.

Caçado por toda a cidade, o pediatra aparecia no buíque azul, de má-vontade. Ultimamente nem aparecia. Receitava — ou melhor — endossava as receitas da avó, pelo telefone.

Agitando-se pela casa, gritando com as empregadas, a avó esquecia sua própria dor de cabeça. Chegava a tirar o turbante verde. Havendo doença em casa ficava feliz.

Com a fuga de tia e sobrinho para a casa verde, longe das doenças imaginárias da vovó, Porco-Espinho perdera a mania de dar parte de doente. A tia fora logo desmoralizando aquele cacoete da velha que se engajara no neto. Mal Porco-Espinho ensaiava o gemido, a tia ironizava:

— Macaco de imitação!

A cozinheira Severina, mulata trintona, enxuta e saudável de carnes, fazia coro com a patroa:

— Onde já se viu isto? Um menino desse tamanho chupando cafiaspirina como se fosse confeito?

Em poucas semanas o saco de água quente era relegado para cima de um armário, as janelas do quarto de Porco-Espinho abriam-se para a luz, seus olhos ganhavam vivacidade, e as faces, cores. Mas a cerca, — que era um triste muro cinzento na chácara da avó e, na casa verde, um quadrilátero de estacas e

arame farpado cercando o chalé — na casa verde a cerca continuara.

Salvo as idas e vindas do colégio ou as visitas domingueiras à avó, Porco-Espinho só transpunha a cerca pela mão de Severina. Assim mesmo às escondidas.

Domingo pela manhã ao acordar, encontrava Severina irreconhecível. Vestida de azul, o cinto de veludo preto apertando-lhe a cintura de macaca, uma rosa vermelha no ombro esquerdo, duas rodela de ruge nas faces, bolsa a tiracolo, Severina comandava:

— Vá tomar café depressa que nós vamos à feira das Rocas.

A tia largara-se de casa logo cedo para o mexerico da missa das nove na catedral. De volta o apanharia para o beija-mão e o ajantarado em casa da avó. Até lá estava solto.

Na feira, longe do silêncio espanado e lustroso da casa verde, Severina afrouxava um pouco a vigilância. Corria de barraca em barraca arrastando-o pela mão, cavaqueando com os conhecidos, namorando os soldados de polícia.

Colado à saia de Severina, Porco-Espinho enchia os olhos de tudo que lhe passava ao alcance da vista.

Depois de rodar pela feira, Severina ancorava na barraca de laranjinha. O barraqueiro Flodoaldo era o seu xodó. Severina tomava o primeiro trago fazendo doce, fingindo-se rogada. Mal o copinho voltava a encher-se, começava a soltar a língua. A voz ia ficando lírica, dava de se entregar pelos olhos ao mulato Flodoaldo. Acostumado àqueles sintomas, o barraqueiro começava a abrir o jogo.

— Você é virgem, Severina?

— Virgem nasci

Virgem me criei

Se comigo não casares

Virgem morrerrei — parodiava Severina, inspirada.

Flodoaldo ria, coçava-lhe a vaidade:

— Você é viva como o diacho, Severina!

E ia trepando como gato no cio por aquele muro escuro e sólido de resistência. Adoçava a voz.

— Pode ser ou está difícil, coração?

Os olhos de Severina diziam sim. Os olhos de Severina diziam agoniadamente sim. Mas a boca de Severina, caiada de melancolia e batom, a boca de Severina era implacável no seu pudor trintão.

— Eu, Severina Isabel dos Santos da Costa Pereira Barandão, digo e repito: homem pra dormir comigo só passando primeiro na capela dos Reis.

Tomava o último trago ofendida e lamurienta, arrastava Porco-Espinho pelo braço, desabafava:

— Vamos embora, menino, que esse bicho ruim do Flodoaldo não respeita nem a tua pessoinha; que dirá uma moça donzela como eu!

Um dia Porco-Espinho deixou de aparecer na feira das Rocas pela mão de Severina. A tia voltava mais cedo da missa quando avistou os dois turistas muito anchos no bonde. Foi um terremoto na casa verde. A tia passou uma descompostura em Severina, não sabia onde estava que não a mandava embora. Mas aquelas duas jamais se apartariam. Uma vigiava a solteirice da outra. Estavam quites e ligadas para o resto da vida.

Severina continuou se escapulindo sozinha para a feira das Rocas. E a cerca fechou-se ainda mais alta em torno de Porco-Espinho.

Depois veio a história da banheira. Por causa dela Porco-Espinho pegou um domingo inteirinho de castigo, sem beija-mão e ajantarado em casa da avó. Severina andava por baixo, precisava dar algum serviço. Contou tudo à tia, exagerando, caprichando nos detalhes:

— Me embromaram com uma história de flores para a igreja, correram a casa toda. O porco do Budião até tirou o seroto na água da banheira.

O castigo veio, mas valera a pena. Porco-Espinho ganhara a amizade de Budião. Agora, quando passava para o colégio e a

molecada das Rocas tentava reeditar o apelido, Budião protestava, distribuindo cangapés nos mais afoitos:

— Deixa o nanico em paz que ele é meu amigo!

Amigo. Palavra doce e nova no vocabulário de Porco-Espinho. Budião era seu amigo, até o chamava pelo nome. Ou pelo menos tentava, quando, naquela manhã, pegamos os três de conversa ao pé da cerca.

— Porco-Espi... digo, Jorge, amanhã a turma vai tomar banho no poço do Dentão. Quer vir com a gente?

— Vovó disse que banho de mar não é bom pra mim, não. Dá alergia.

— Que diabo é alergia? — intrigou-se Budião.

— É coceira.

Porco-Espinho começou a se coçar, sugestionado. Budião também contagiou-se.

— Essa tal de alergia pega como carrapato. Já tou com a coceira.

Coçavam-se e riam, felizes da vida.

— Mata-pasto é bom pra coceira — receitei.

Budião tirou uma folhinha da planta que crescia ao pé da cerca, engrossou-a com cuspo, grudou-a na testa.

— Capim é melhor — achou Porco-Espinho.

Arrancou um tufo de capim gordo de maresia, começou a mascá-lo:

— Prova, Budião! Tem gosto de sal.

Budião encheu a boca de capim, ornejou alto:

— Rim... rim... rim...

Você virou foi burro! — disse Porco-Espinho às gargalhadas.

— Burro é a vó! — repeliu Budião.

— Dele! — defendeu-se Porco-Espinho.

E rimos ainda mais alto, deliciados com aquele pingue-pongue.

Budião cuspiu a pataraca verde, deitou-se na relva, olhou as nuvens. Eu e Porco-Espinho o imitamos.

— Olha aquela ali! — descobriu Budião. — Parece um alefante.

— Alefante, não. Elefante — corrigiu Porco-Espinho.

— Elefante ou alefante, a tromba fica do mesmo tamanho! — filosofei.

Rimos de novo, um riso que engrossou numa gargalhada.

Na casa verde a janela se abriu, a voz da tia riscou o ar como um vôo de sanhaçu:

— Jorge! Ó Jorge!

— Logo agora que a conversa tava ficando boa! — desabafou Budião. Começou a dar petelecos no pé de dormideira.

— Maliça, tua mãe morreu no caminho da missa.

Atingido, o galhinho da planta murchou logo. Porco-Espinho ficou triste.

— Acho que minha mãe também morreu no caminho da missa, sabe, Budião?

— Morreu, não, — disse o estouvado do Budião. — Quem morreu foi seu pai. Sua mãe fugiu pra Manaus com um caixeiro-viajante, seu pai foi ficando doente, aí pegou e morreu. Diz que foi desgosto.

— Quem lhe contou essa história mentirosa, Budião? — protestou Porco-Espinho choroso.

Nas Rocas todo mundo sabe. Mas não sei direito, não. Pergunte à sua tia. Ela deve saber direitinho.

Outro sanhaçu silvou mais forte da janela da casa verde:

— Jorge!

— Titia não conta nada. Quando eu pergunto, fica calada e telefona pra vovó — ganiu Porco-Espinho, lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto sardento.

Budião levantou-se, imitei-o. Começamos a descer o morro, caminho da praia. Não sabia por quê, mas sentia-me inquieto, vagamente culpado. Cuspi minha raiva fora:

— Velha chata.

Joguei uma pedrada num calango que atravessou a vereda correndo, olhei para trás. Porco-Espinho continuava parado no

mesmo lugar, olhando o mundo além da cerca.

Capítulo XI

CORREIO DO MAR

Meu pai chegava do mar. Foi Varapau quem me deu a notícia quando passou correndo rumo à praia.

Era de tardezinha, voltava da aula de Seu Geraldo. Corri sustendo livros e cadernos, venci o casario, ganhei a picada que atravessava o capinzal e ia dar à praia além do morro. Estaquei lá em cima.

O *Esperança III* vinha rompendo as corcovas de água macia. De longe, suas velas embotadas pela maresia pareciam úberes apoiados de vento. Era belo, o iate de meu pai!

Sentei-me na areia e fiquei a olhá-lo um tempo sem conta. Estava pertinho. Sombras enérgicas moviam-se a bordo, tudo pronto para atracar.

O mar ia se fazendo escuro e embaçado como canto de espelho comido pela maresia. Arribações passavam rumo ao sul, fila indiana furando o espaço, as asas abrindo e fechando, o ar subitamente imantado pelo pio aflito dos filhotes.

A noite tombava com força da copa dos coqueiros. Desci o morro com o primeiro clarão da lua cheia subindo do mar. Minha sombra se destacava na areia frouxa, ainda quente do sol. Lagartos corriam por entre os tufos de cardeiros pontilhados de frutos vermelhos rachados pelo calor da tarde. As cigarras gemiam alto na copa dos cajueiros; o zim-zim morno e estridente de suas asas parecia pilhas elétricas descarregando energia. Aquela orgia de asas irritadas me acompanhou por muito tempo. Nas proximidades do Canto do Mangue ainda as ouvia estridular em plena noite.

Grupos tinham se formado na praia. O *Esperança III* vinha direito ao ancoradouro. No mastro grande brilhava a luz do primeiro candeeiro.

— Ó de terra! — reboou na praia a voz possante de meu pai.

— Ó do mar! — respondeu Seu Manuel Arrais, e o mar recolheu o grito de boas-vindas. Trocavam-se as saudações de praxe, a bordo tudo ia em paz.

Num último impulso de velas bambas o *Esperança III* feria a lama que se deixava romper macia pela quilha do barco. Por fim imobilizou-se, a vela-grande, tangida por uns restos de vento, lutando ainda contra a inércia, Um marinheiro arriou-a, saltou à praia. Saltavam todos. Meu pai foi o último, o cachimbo no lábio grosso, a candeia na mão, os papéis do barco enrolados debaixo do braço.

Quando me aproximei, ele distribuía a correspondência, chamando os destinatários pelo nome.

Aquela era uma das suas atribuições como mestre do *Esperança III*: fazer de correio para todas as Rocas.

Mulher com marido no mar, moça com namorado nos portos costeiros, mãe com filho nas salinas de Areia Branca e Macau, tudo eram atribuições de carteiro para meu pai.

Ele levava as cartas que Seu Geraldo escrevia de favor para o povo das Rocas, e, de volta, em cada porto recolhia as respostas.

Acabada a distribuição, me aproximei e pedi-lhe a bênção. Meu pai estirou a mão enorme, senti-a rija e salina sobre os lábios.

Os grupos se desfaziam, caminho de casa. Os marujos do *Esperança III* agarravam as trouxas maiores — a rede de dormir, a japona de azulão; o resto era repartido com a família. Coisas trazidas do mar: peixe seco, lagostas e camarões dos portos do Norte; caju, rapaduras e ananases comprados na praia da Pipa.

Zé Quentro levava um sagüi preso ao ombro por uma embira. A molecada cercava Zé Quentro e, aos gritos, puxava a cauda do animalzinho, que se empoleirava no cocoruto de Zé Quentro, soltando guinchos assustados. Meu pai gritou para Zé Quentro: "Olha que o macaco te mija!" Foi uma risadaria geral.

À altura da bodega de Seu Euclides, topamos com Seu Geraldo, que vinha em nossa direção. De longe gritou, mal avistou meu pai:

— Ia vê-lo chegar, mestre Brás.

Meu pai estirou a mão, vi-a abarcar a de Seu Geraldo, que sumiu na sua, pequena e riscada de nervos escuros.

— Como vai vosmecê? — perguntou meu pai.

— Vamos tocando os estudos — respondeu Seu Geraldo.

E me abraçava, querendo me meter na conversa.

— Sempre dá pra coisa, Seu Geraldo?

— Se dá, Mestre Brás? Vamos ter doutor na família. O senhor vá se preparando.

Avistamos Dona Laura na porta de casa, calada, esperando. Nenhum traço de emoção no rosto sulcado de rugas serenas. Meu pai saudou-a de longe.

— Como vai, minha velha? Tem rezado muito?

— Por vosmecê, Seu João, por vosmecê.

Entramos. Dona Laura passou imediatamente à cozinha para tratar do jantar. Meu pai convidou:

— Janta hoje com os pobres, Seu Geraldo?

Seu Geraldo fez que sim com a cabeça: vinha lá de dentro o cheiro violento e bom de peixe fritando em azeite-de-dendê. Meu pai ordenou:

— Menino, vá a bordo e apanhe meus tarecos.

Disparei porta afora. Não queria perder o jantar.

Na praia, lá estava o *Esperança III*, quieto e branco de luar. Subi a bordo, fui direto à cabina de meu pai. O beliche, a mesa rústica, uma cadeira e, na parede, a fotografia de minha mãe tirada no ano de seu casamento. Era tudo. Mas na meia-escuridão, enquanto enrolava o pesado oleado, sentia a presença de meu pai nas manchas de sarro do cachimbo esquecido sobre a mesa e na tarracha de bronze do candeeiro, lisa pela compressão freqüente de seus dedos, lutando com a escuridão que rondava seus olhos gastos pela ventania e as reverberações do mar.

De volta, ainda alcancei meu pai e Seu Geraldo na mesa, tomando café nas xícaras de ágata que eram do tempo de minha mãe. Comi às pressas, enquanto Seu Geraldo, soprando o café que ia despejando no pires, elogiava:

— Café de sustança, comadre. Feito no pilão de casa?

— É café da venda de Seu Euclides — contou Dona Laura.

— Donana torra, passa no pilão e vende pra gente. Não é lá muito gostoso, mas com a trabalhadeira que eu tenho tido, o xerém de Donana é como se caísse do céu. E, como que envergonhada da maledicência: "Não estou desfazendo, não, que Deus tá vendo. Mas eu bem que sei como se pila um bom café".

Seu Geraldo protestava, dizia que aquele era um excelente café. Até aceitava mais uma xicrinha.

Dona Laura chegou o bule de flandres, virou o líquido escuro e fumegante na xícara, um quase sorriso se insinuando em seu rosto.

Eu me espantava. Aquilo era raro, nela. Talvez fosse alegria pela volta de meu pai. Seu Geraldo se levantou da mesa.

— João, leve os tamboretas para o quintal. Lá fora está mais fresco — ordenou meu pai, encaminhando-se para a cozinha. Ia acender o cachimbo na brasa do fogão, como era seu hábito.

Munido de fósforos, Seu Geraldo queimava a ponta do cigarro de palha, que teimava em não acender. Voltando da cozinha, envolto numa nuvem de fumo, meu pai debicava de Seu Geraldo:

— É por isso que eu vou logo à minha brasinha... Labareda só é amiga de pegar em vela de barco de pobre. E exhibia o cachimbo, uma brasa viva e odorosa latejando bem no meio do fumo picado. A voz fina de Dona Clara cantou na porta da rua:

— Ó de casa!

— Ó de fora! — contrapontou meu pai. Cochichou para Seu Geraldo: — Essa vem fechar a romaria. Entreguei a correspondência assim que cheguei. Só faltava Dona Clara.

Dona Clara chegou ao terreiro, distribuindo "boas-noites". Escanchado na cintura, trazia um garoto magro e sonolento. Puxava outro pela mão. A este eu conhecia: era Neneco, um cisco de gente para seus cinco anos terrosos.

— Anda, vai pedir a bênção a teu padrinho, coisinha encafifada! — dizia Dona Clara empurrando Neneco.

O garoto aproximou-se, fez menção de beijar a mão de Seu Geraldo, que se esquivou, abraçando-o. Pôs o menino na perna e cavalgou com ele. Apalpando a barriga volumosa de Neneco, perguntava, brincalhão:

— Que é que tem nessa pança, Neneco?

— Tem falinha, padim — cantou Neneco numa vozinha nasalada. Do seu nariz corria um filete de catarro.

— Farinha nada! — corrigiu a mãe. — Barro, é o que é, Seu Geraldo. Esse demo das minhas entranhas deu pra comer lama, no mangue, junto com aquele tihoso da comadre Mariana, que, mal comparando, até parecem aqueles cevados que agridem a gente no mato, quando as necessidades estão apelando. Mas eu já disse: — e o dedo de Dona Clara avançava para o nariz endefluxado de Neneco, que chupava o catarro e ria idiotamente — se voltas a comer porcária no barreiro, eu te corto a língua, coisa ruim.

Meu pai ouvia calado. Eu estava com vontade de dar uma risada, mas, olhando para Seu Geraldo, vi que o sorriso lhe fugira da boca.

— Essa criança tem é verminose, Dona Clara. Passe lá em casa amanhã bem cedinho, para eu lhe dar um remédio. O Neneco vai ficar bom, não é Neneco?

E pôs o garoto no chão.

— Hoje não tem nada pra senhora, não! — brincou meu pai com Dona Clara.

— Por amor de Deus não massacre assim a gente, Mestre Brás!

E Dona Clara exibia um sorriso súplice na boca mal servida de dentes.

Meu pai ordenou:

— João, traga a correspondência de Dona Clara. Está na camarinha, embrulhada no meu oleado.

Levantei-me, ganhei o corredor, voltei com o envelope. Pelo caminho, vim lendo. "Inselentíssima senhora Clara dos

Santos. Por ispecial obzsequio de mestre Antonio Braz, a bordo do *Esperança III.*” Entreguei a carta a Dona Clara. Ela olhou o endereço um tempão, virou e revirou o envelope fechado com muito grude, apalpou-o, e de súbito decidiu-se.



Dona Clara escutava enlevada; estava longe, junto do marido. Era como se escutasse a sua voz.

— Quer ler pra mim, Joãozinho?
Abri-o, tirei primeiro o dinheiro, duas notas de cem e uma de vinte, entreguei a Dona Clara e pedi a Seu Geraldo:

— Leia, Seu Geraldo.

Estava encabulado de ler a carta na presença de meu pai.

Seu Geraldo começou devagar, parando aqui para decifrar uma palavra, adiante para completar a intenção das idéias dispersas naquele vasto rascunho escrito a lápis em tiras estreitas de papel almaço, no qual João Tinguá, balaieiro numa salina de Macau, contava à mulher, numa linguagem desajeitada e pobre como sua pessoa, as mesmas e sabidas novidades: sua luta de alugado, a trabalhadeira ingrata, os calos nos dedos das mãos e no ombro, as rachaduras nos pés provocadas pelo sal.

Dona Clara escutava enlevada; estava longe, junto do marido. Era como se escutasse a sua voz, agora pedindo desculpas pelo pouco que mandava, recomendando-lhe paciência, que quando as coisas melhorassem viria buscá-la.

Botava a bênção aos sete filhos, perguntava pelos dentes do caçula e assinava com letras rústicas e rebeldes: "Seu marido que não te esquece, João Tinguá".

Eu olhava o rosto de Dona Clara, lendo nele, como num mapa, as emoções que escorriam mansamente. Um pensamento alegre, outro triste. Iam-se encapelando através do talhado das rugas até explodirem em lágrimas que ela limpava com o braço livre.

Pobre Dona Clara! Baixa e queimada de sol, tinha olhos fundos e escuros, untados de um perene filete úmido que escorria pelos cantos, tornando as pupilas móveis e lustrosas como esferas bem azeitadas. Piscava continuamente.

Seu Geraldo lhe dava remédios, mas nada! O tracoma persistia terrível, comendo devagar primeiro as pestanas, depois o canto dos olhos de Dona Clara.

Tivera muitos filhos: treze, afirmava ela; doze, porfiava mansamente minha madrasta, que o último fora um aborto.

O certo é que só sete restavam vivos. Formavam um sindicato esqualido e chorão, marcado pelo mesmo estigma de desnutrição e doença. Para mantê-los, Dona Clara trabalhava como lançadeira de máquina, de manhã à noite.

Desde que o sol botava a crista vermelha de fora, na linha do oceano, até que afundava inchado de calor nas águas do rio, Dona Clara era vista lavando roupa nos barreiros da praia. Ajuda, só da filha mais velha, Léia, uma coisinha menor do que o nome, mirrada e áspera como um cacto do morro.

Léia trabalhava o dia inteiro. De casa eu ouvia o estribilho da sua vozinha fina enchendo as manhãs e as tardes quentes das Rocas com o seu grito de desabafo:

— Peste de crianças. Te esconjuro, cambada miúda!

Quando ia às pescarias de siri, do outro lado do rio, continuava a ouvir de lá o silvo irado de Léia, comandando a *troupe* remelenta como uma pequena cigarra doente de cansaço.

Dona Clara talvez não tivesse 40 anos. Aparentava muito mais. O corpo era curto e atarrancado. A gravidez consecutiva roubara-lhe a naturalidade de linhas, dando-lhe em troca uma gordura de mau aspecto que mais parecia inchação.

Olhando-a agora, enquanto Seu Geraldo chegava ao último período estropiado da carta de João Tinguá, recordava a gravura do meu livro de História Natural: uma fêmea de canguru tendo na bolsa sob a barriga os filhotes guardados. O animal olhava o matagal em torno numa atitude de espreita e desafio, fungando cheiros inimigos no ar.

"Minha mãe era como Dona Clara?" — pensei e me espantei da pergunta. O retrato que ainda há pouco vira no beliche do *Esperança III* me dizia que fora bonita.

Mas começava a descobrir beleza também em Dona Clara. Uma beleza que latejava triste nos seus olhos sujos, na dignidade humilde daquela barriga inchada. Olhei disfarçadamente o ventre enorme. Era como se o filho abortado tivesse deixado raízes e desse para crescer lá dentro, como rama de oró lutando para ver o sol.

Quando Dona Clara foi embora, meu pai e Seu Geraldo voltaram a suas conversas e fiquei tentando me lembrar da legenda impressa no livro.

Tonto de sono, ia repetindo os dizeres baixinho: "Marsupial, mamífero originário da Austrália. Possui uma espécie de bolsa sob a barriga, onde carrega os filhotes." Depois me despedi de Seu Geraldo, tomei a bênção a meu pai e caí na rede. Estava afiado em História Natural.

Capítulo XII CARNAVAL

A cara era feia. Mais do que feia — horrorosa. Os braços nasciam pequenos e disformes do tórax peludo, acabavam num par de mãos escuras munidas de garras.

Das narinas pendia uma argola de ferro, desta a corrente comprida que ia acabar enrolada no braço do domador.

O monstro pulava numa e noutra perna, ensaiava passinhos de dança, urrava de desassossego.

Em torno, a comparsaria tosca e esganiçada, vestindo roupa maruja, cantava alto:

*Vimos da Oropa
E não trouxemos roupa.
Trouxemos este urso
Enrolado em estopa.*

Neneco escondeu-se na saia de Dona Clara, os olhos arregalaram-se; um frêmito de bicho novo assustado varou-o de alto a baixo:

— Mãe, vambora! Tou com medo...

Sem despregar os olhos fascinados da fera grotesca e bamboleante, Dona Clara aquietou-o:

— Tenha medo, não, menino; tem um homem debaixo do urso.

Por um momento o medo de Neneco cedeu à curiosidade. Levantou os olhos, espiou timidamente a carantonha do monstro.

— Mãe, vambora, que o bicho tá olhando pra mim.

Dona Clara deu um muxoxo, rosnou qualquer coisa como "cabra molóide igual ao pai"; sapecou-lhe um par de cocorotes e se pôs a andar no meio da multidão.

O garoto seguia-a chorando, a cara lambuzada de lágrimas, o catarro formando bigodes amarelos nos cantos da

boca.

Dona Clara, eu e Neneco descêramos das Rocas ainda com o sol de fora para espiar o Carnaval. E agora aquele diabo de menino chorão estava estragando a festa.

Também o bicho era feio mesmo; feio de doer. Até Dona Clara se assustara quando a fera parou à sua frente, roncou forte e fez mungangas, pedindo dinheiro.

Teve que atirar um níquel à bacia, alisar-lhe o focinho áspero e baboso. Então a fera sossegou: bamboleou de um lado para outro, como um navio batido pela maré alta, desapareceu pesadamente no meio do povo.

— Mãe, olha Zefa da Mochila!

E Neneco batia palmas, sorria feliz, inteiramente esquecido do monstro que há pouco lhe agonizara o pequeno coração.

Dona Clara primeiro escandalizou-se com o descaramento da vizinha, acabou numa grande risada. Com um urinol velho cheio de garapa na cabeça, bananas sobrenadando dentro, Zefa da Mochila fazia um sucesso danado.

Enxames de garotos rodeavam-na; as velhas persignavam-se, tinham engulhos na voz:

— Credo, cruces, sujeita debochada!

Zefa da Mochila, impassível, apregoava sua mercadoria.

— Quem quer comprar porqueira?

Depois arriava o urinol, tirava uma banana de dentro, exibia-a aos olhos de todos, engolia-a aos pedaços. Debicava da assistência:

— Ninguém se habilita?

E como ninguém quisesse participar do lanche, engolia outra banana.

De uma feita a banana salpicou o *dinner jacket* do sócio do Aeroclube que espiava a cena, enojado. O sujeito protestou, houve um princípio de rolo.

Quando tudo parecia serenado, um catraieiro, vestido de mulher, saiu dos seus cuidados, aplicou uma rasteira no moço de *dinner jacket*.

O rolo engrenou de novo, degenerou em conflito. Com pouco mais a cavalaria entrava na rua, ninguém mais se entendia.

Soldados passavam voando em seus corcéis, espadagões rabo-de-galo zuniam no ar, as ferraduras arrancavam fagulhas dos paralelepípedos.

Do lado do cais Tavares de Lira, como se aguardasse o sinal do rebuliço, a guarda civil começou a atirar.

A guarda civil da Ribeira era engraçada: sempre que chamada a manter a ordem, ou mesmo sem ter sido chamada, começava a atirar. O que era o melhor estopim para o barulho, que, a essa altura, roncava grosso.

A massa suada e uivante refluía nas calçadas, enveredava pelos becos, trepava nas árvores. Os que sobravam saltavam do balaústre para dentro do rio.

Jatos de lança-perfume malignamente disparados batiam nas ventas dos cavalos, acertavam nos olhos.

Cegos de dor os animais levantavam-se nas duas patas traseiras e, entre nitridos de ira, davam com os soldados no chão. E a multidão ululava, feliz e vingada.

Aquele animado Carnaval da Ribeira, pelo qual a cidade ansiava, trabalhava e suava o ano inteiro, tinha mais uma vez degenerado em arruaças.

Arruaças não é bem o termo: era antes um reencontro entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, uma das muitas guerras que ali lavravam silenciosas, entre pobres e ricos.

Mas, xarias ou canguleiros, que importavam as diferenças da sorte àqueles que morriam, em meio a uma poça de sangue, ao longo das calçadas?

Importava, sim, que na vida como na morte o estigma de classe os desunia e diferenciava.

Pois os da Cidade Baixa tinham um discreto furinho de bala no corpo. E os da Cidade Alta um feio rasgão de peixeira, que arma de pobre é assim menos elegante.

O fato é que jaziam vários mortos no chão. Mas o fato mesmo é que em meio ao tiroteio e ao brilho das facas a banda

de música tocava um frevo pernambucano no coreto da praça. E alguns foliões, insensíveis à fuzilaria, dançavam.

Vi muito bem quando um deles foi interrompido em sua ágil tesoura por um balaço perdido. Vestia camisa de malha e calças zuarte. Era um canguleiro.

A bala só podia ter vindo (como veio) do cano niquelado de um trinta e oito de xarias. O corpo reto e fino parou no ar, teve uma contração, esborrachou-se no chão.

Neneco enrolou-se definitivamente na saia da mãe, tapou os olhos com as mãozinhas, berrou alto:

— Mãe, vambora!

Mas, de tão excitada, Dona Clara nem o escutou. Entrincheirada ao pé de um velho muro, ia arrancando os tijolos meio soltos e jogando-os em cima dos soldados.

Afinal era Carnaval! E uma tradição do seu povo era agredir os soldados que sempre acabavam aderindo à gente da Cidade Alta.

Depois, aquele filho molóide igual ao pai precisava ir aprendendo.

Capítulo XIII

AZUL E BRANCO

Agora subíamos a encosta, o morro enodado de verde fechando-se em mistérios — gritos de pássaros, zumbidos de insetos, rumor de bichos.

Uma borboleta atravessou a estrada em vôo rasteiro e confiante. Budião, que vinha atrás fustigando os orós com uma vara de bambu, alvoroçou-nos com um convite cheio de sedução:

— Vamos pegá-la?

A chusma debandou aos gritos, embrenhou-se no mato. No meio da estrada restaram apenas as quatro Marias, muito tesas e caladas, montando guarda ao caixãozinho florido. Uma queixou-se do sol:

— Quente como quê!

Outra censurou as crianças:

— Maluquice desses meninos!

Depois, tocadas pelo silêncio que se abatera sobre a estrada, apertaram o cerco em torno do pequeno esquife e esperaram.

Nosso grupo reapareceu na curva do caminho, melenas brilhando ao sol. A borboleta vinha espetada vitoriosamente na ponta de um bambu, asas e antenas abrindo e fechando-se, tangidas por um ritmo de morte. O enterro seguiu.

Com um pouco mais, a casa apareceu numa volta do caminho. A quarta Maria sentiu sede, comunicou essa velha necessidade às companheiras. Confabularam gravemente e, acordes e rítmicas, descansaram o caixãozinho à sombra de um cajueiro.

A cacimba ficava meio escondida por trás da cerca de capim- navalha. Transposta esta, bebemos. Súbito, do interior da casa, partiram gritos de ira adulta, depois um rumor de pancadas caindo sobre nádegas de criança.

A turba, que matava a sede sem maiores cuidados, retesou-se como a manada que pressente o perigo, disparou estrada afora, perseguida de longe pelo rumor dos tabefes e o choro do apanhado.

Quando a distância se fez segura, começaram a surgir hipóteses sobre as origens daquele sucesso, que tinha para todos tanto de fascinante como de abominável.

— Ela foi bulir na cozinha e quebrou um prato — sugeriu de dedo no ar a morena das Dores.

— No guarda-louça, não — contrariou o menino que carregava a borboleta morta. — Mexeu no relógio e o pai bateu nela.

(Em casa tinha a família um velho relógio de parede, máquina fascinante e proibida, responsável por toda a alegria e tristeza que ele já comunicara ao mundo. Daí a convicção inabalável que punha agora na hipótese do relógio).

Em meio à gritaria iam-se formando os dois partidos — o do guarda-louça e o do relógio. As quatro Marias, sérias e finas como palmeiras, revezavam as mãos, sopravam os dedos avermelhados pelo roçar das alças do caixãozinho, sugeriam bons modos:

— Meninos, sosseguem! Não briguem em enterro que é pecado.

Mas o incidente, com seus imprevistos e probabilidades, nos apaixonara.

— Foi por causa do relógio — gritavam uns.

— Não! Foi bulir na cozinha e a mãe bateu nela! — emendavam os opositoristas.

Eunice, nove anos calados, contemplativos e machucados, não tinha opinião formada. Em casa apanhava por tudo. Daí o ecletismo com que gritava com sua vizinha nasalada:

— De qualquer forma, apanhou! De qualquer forma, apanhou!

Agora a estrada empinava para a direita, ia morrer nos primeiros paralelepípedos da rua. Próximo alvejava o cemitério — o pai à porta, de guarda-sol aberto e chapéu na mão,

esperando. Ganhamos a alameda de oitizeiros, detivemo-nos à beira da pequena cova. O caixãozinho passou das mãos das quatro Marias para as do coveiro, nodosas e firmes; depois começou a descer, tocou o fundo da terra. O pai fechou o guarda-sol, tirou o lenço do bolso, levou-o aos olhos, a terra caindo com um ruído cavo sobre o pequeno ataúde azul e branco. Espantados e trêmulos os dois grupos fundiram-se num todo calado e só.

Uma a uma as quatro Marias iam atirando punhados de cal e ramos de flor sobre o caixãozinho meio afogado na areia.

O pai começou a murmurar uma reza acompanhado pelo coveiro. Varapau olhava fascinado para dentro da cova, misteriosas poças d'água brotavam dos olhos das quatro Marias.

Quando a cova se fez abaulada, o pai guardou o lenço, abriu o guarda-sol, caminhou desajeitadamente por entre os túmulos. As crianças seguiram-no. Eunice começou a chorar baixinho, os passarinhos calaram-se no alto dos oitizeiros, escutando.

Lá fora o sol lancetava as pedras da estrada. O grupo descia lento e cabisbaixo. Súbito, do meio do mato, surgiu uma borboleta negra, Budião comandou:

— Vamos pegá-la!

E a caçada recomeçou.

Capítulo XIV

TATU MORRENDO DE MEDO

Devia ter vindo em companhia da negra Tina, que sabia rezas para afastar almas do outro mundo.

Agora estava ali sozinho, na aba do morro, a estrada abria-se à sua frente, escura e abissal como o Poço do Dentão.

Tinha que prosseguir. Havia muito tempo saíra de casa. O pai, severo e rosnador, decerto o esperava, correia em punho. Habituada, a memória reconstituiu a cena, rotina que já não despertava a curiosidade de ninguém, nas Rocas.

Empurrava o portão devagarinho, para atenuar o gemer das dobradiças, ganhava o corredor. O pai o descobria (sempre o descobria!) e lá vinham as perguntas, entrecortadas de correadas sibilantes.

— Então, cabra, por que demorou tanto? — e as lambadas chiavam quentes sobre a pele nua. "Homem não tem medo do escuro, cabra frouxo!"

Era sempre assim quando mandavam Tatu à rua, noite feita.

Saía jurando que não teria medo, ora *Papa-figo!*, história da negra Tina.

Apenas deixava para trás as últimas casas mal iluminadas a querosene e ganhava a vereda que ia dar na venda de Seu Euclides, um terror fino e avassalante ia-se apossando dele, até desarticular-lhe a vontade.

Nestes momentos, tinha que procurar um encosto para não cair. As pernas recusavam-se a correr, sequer a caminhar. Ficava ali parado, encostado à jaqueira, chorando baixinho.

A imaginação de dez anos, tangida pela lembrança das histórias de fantasmas, ouvidas da negra Tina, vagueava solta e desvairada, como bicho perseguido.

Tentava identificar os empecilhos à sua frente, coordená-los, reemprestar-lhes a forma originária. Em vão.

O caminho se diluía povoado de formas toscas e apavorantes — monstros, fantasmas, mulas de duas cabeças.

Arregalava os olhos, a vista primeiro lhe doía, depois começava a fugir-lhe. Um frio escorria-lhe pela espinha, ia explodir na cabeça, em relâmpagos de medo:

— Estaria ficando cego?

Tina contara-lhe a história do menino que espiava a irmã no banho e aos poucos fora perdendo a vista, por castigo. Mas ele nunca espiara ninguém tomando banho, pensou reconfortado.

Nunca? E daquela vez que procurava ninho de rola no mato e dera com um bando de meninas banhando-se nuinhas na Praia da Limpa?

Deitara-se nos orós, o coração aos pulos, um apelo novo e informe bulindo dentro dele, o sangue latejando-lhe nas fontes, feito pereba prestes a estourar.

A cena grudara-se-lhe à memória por muitos dias. Depois se esvaía, para voltar agora, naquela escuridão, como um remorso, um castigo do céu.

Esfregou os olhos com as costas das mãos, tentou decifrar o caminho à sua frente. Tinha que prosseguir, transpor o mata-burro, vencer o medo.

Sim, o que tinha era medo, pensou com raiva, lembrando-se do pai atirando-lhe lambadas às pernas nuas.

— O que você tem é medo, cabra frouxo; toma para curar esse cagaço, cabra ruim!

Apertou a barriga da garrafa de encontro ao sovaco, tateou a moeda no bolso da calça. "Está lá", pensou mais sossegado. Tinha medo de perdê-la.

Certa vez desabalara em doida corrida, fugindo do mangue que bolia ali à esquerda, em misteriosas contorções; o níquel saltara do bolso e sumira na lama. Entrou em casa como um criminoso, parou diante do pai, calado, esperando o castigo. Apanhou mais do que de costume. Até veio gente espiar a sova.

— Ô Seu Zuza, não massacre assim o menino! — protestou negro Felisberto, empregado da carvoaria. "Se é por causa do

dinheiro, eu pago o prejuízo" completara, fazendo fita.

O pai teve que suspender a sova a contragosto. E, tarde da noite, Tina veio pé-ante-pé ao seu quarto, com uma bacia de água e sal, para lhe esfriar a pele queimada de pancadas.

Chorou muito tempo baixinho, a cabeça encostada no peito largo e fofo da negra Tina:

— Por que ele se zanga à toa comigo, hem Tina? — eo choro tomava-o de novo, mais forte.

— Sabe não, menino; dêz que Seu Zuza perdeu os papéis de embarcado e não pôde mais navegar, ficou assim, azedo da vida que nem manga verde.

Depois consolou-o: "Durma que a dor vai embora, meu nego". Não foi. De manhã, as costas ainda lhe doíam, horrivelmente castigadas.

A partir desse dia, Tatu incorporara novo pavor: perder o dinheiro quando o pai o mandava à bodega, comprar cachaça.

Caminhava cheio de cuidados, grave e teso como pessoa grande, apertando o níquel na mão até esquentá-lo. Seu Euclides bodegueiro notara:

— Seu pai tem alguma fábrica dessas moedinhas, menino? Estão sempre quentes, feito bolo de milho.

Cutruca, bêbedo e idiota, ria grosseiramente, o bafo de aguardente desprendendo-se da barba suja. Devia um dinheirão de pinga a Seu Euclides, estava sempre procurando conquistar-lhe as boas graças para mais um trago. Pegava a moeda, suspirava:

— Ah! se eu tivesse uma roça dessas moedinhas...

— Bebia até as manivas, hem Cutruca? — cortava o bodegueiro numa risada.

— E pra que haveria de ser, meu amo? — confirmava Cutruca olhando amoroso os garrafões de aguardente arrumados na prateleira.

Depois cantarolava, num ritmo mole, debochado:

*Juventino formado na lira
é amigo formoso e leal...*

*Juventino só vive na água
que penar por amor é seu mal.*

Na venda, anestesiado com as bobagens de Cutruca, o temor de Tatu amainava. Mas como chegar lá? Continuava chumbado ao chão feito passarinho preso ao visgo, o medo mangando dele. Largava-o, simulando ir embora, depois voltava. Subia-lhe pela espinha, possuía-o todo, como o rio ao peixe, a gaiola ao pássaro, o vento à folha.

— Pra frente, cabra frouxo, o que você tem é medo! — repetia como o pai, para se encorajar. Mas não arredava um passo.

As lágrimas começavam a cegá-lo, gotejando-lhe na boca. Chupava-as com força; a cada soluço gemia alto, nervoso, vidrado: "Medo... o que você tem é medo, cabra frouxo!"

Fina e aguda como rocega, a lua riscava o céu, polvilhando o caminho de um orvalho enjoado e úmido como o bafo encachaçado de Cutruca.

Em torno, aclaradas, as coisas vestiam-se de uma cor erradia e adelgada. O vento soprou sobre o mangue, os velhos braços folhudos da jaqueira rangeram feito ossos atritados.

Depois fez-se breve silêncio, quebrado pelo rumor regular de chinelos peneirando a areia fina. Alguém vinha pelo caminho, pensou Tatu reconfortado, parando de chorar.

"E se fosse o frade sem cabeça?" — coriscou-lhe a memória flagelada pela nova lembrança: a lenda do frade que percorria a Praia da Limpa, procurando a cuca decepada.

Em noite de lua, contava Tina, ele era visto passar, as alpercatas levantando a poeira, o capuz cobrindo-lhe o pescoço mutilado, sangrento como o de um frango de domingo sacrificado por amor à cabidela de molho pardo.

Caminhava infatigavelmente até o cantar do primeiro galo, então desaparecia, deixando um rastro de sangue que ia acabar nas proximidades do velho forte dos Reis.

Agora ele estava, ali, aproximava-se! — pensou Tatu retesando-se, possuído por um enérgico desejo de morrer, cair ao chão desmaiado antes que aqueles pés terríveis, que faziam ploc! ploc! na areia, chegassem perto dele.

Queria gritar, mas a garganta, empapada de saliva e lágrimas, aprisionava-lhe a voz, que saía baixa e torturada, aos urros.

— Onde diacho se meteu, menino? — ouvia o grito salvador da negra Tina, que, avistando-o, aproximou-se e começou a arrastá-lo para casa.

Deixava-se levar, os olhos esbugalhados, a voz ressequida e rouca.

— O frade... o frade sem cabeça...

— Frade coisa nenhuma, seu mole! Hoje é terça-feira, não se alembra?

Uma sensação de alívio inundou-lhe o rosto. O frade sem cabeça só aparecia sexta-feira de lua, contara Tina. Mas ainda não queria acreditar:

— Então, quem era?

— Sei lá; talvez uma alma penada qualquer — dizia a negra, como a sugerir que a assombração que ele vira era sem categoria regular em seu grande mundo mnemônico de duendes qualificados.

Negava só para sossegá-lo. No fundo, a negra Tina acreditava fervorosamente nas histórias de assombração que contava.

— Seu pai está por conta! — disse mudando de assunto. Mas logo se arrependeu. Um terror novo acendia-se nos olhos úmidos que a fitavam.

Em casa, encarando severamente a pequena ruína humana que soluçava abraçada às pernas de Tina, o pai recolheu de súbito o braço armado de relho, rosnou qualquer coisa, recolheu-se ao quarto.

— Por que ele não me surrou, hem Tina? — perguntou Tatu num filete de voz, enquanto a negra o ia despindo e o botava na cama.

— Sei não, menino — respondeu a negra, acocorando-se ao lado. — Talvez porque hoje você já teve seu quinhão de castigo.

— E por que eu tenho sempre de ser castigado, Tina?

Olhando o corpinho magro e desamparado, alguma coisa cutucou forte no peito da negra. E, para consolá-lo, a voz de Tina encheu o quarto.

— Era uma vez... — dizia ela começando nova saga de assombração e de medo.

Na cama, dorme-não-dorme, os olhinhos bruxuleantes de Tatu, subitamente escancarados, fixavam a negra Tina, esperando.

Capítulo XV
O CHISPA HUMANA



Houve mesmo uma temporada em que atuei no quadro humorístico do Circo Fekete, vestido de gato.

O Circo Fekete estava de volta. Armara seu pequeno toldo remendado no canto da Rua do Arame e o povaréu afluía toda noite, vindo das Rocas da Frente, das Rocas de Dentro, do Canto do Mangue, até do Areal.

O Circo Fekete era meu velho conhecido. Sempre que seu mastro embandeirado se erguia alegrando a baixada lá embaixo, era dos primeiros a saudá-lo. Nele tinha amigos conquistados no dia em que, menino bocó, sumi de casa abraçado a um pacote de jornais velhos e fui vendê-los à gerência do Circo.

O pessoal me recebeu às gargalhadas e só então dei fé no trote em que caíra, safadeza de Budião. Dissera-me que o Circo estava comprando jornais velhos para limpar o elefante, que andava com disenteria; e eu, na minha boa-fé meio oportunista, fui lá oferecer aquele papel higiênico de pobre.

Para quê! A gargalhada de Mamoto e dos outros artistas do Circo Fekete me deixou vexado, lágrimas arrasando-me os olhos, que humilhação!

Mas há males que vêm para o bem. Uma semana depois não é que eu biscateava no Circo vencendo um cobrezinho?

Inicialmente falei com minha madrasta, ela relutou. Chorei, roguei, ameacei: e acabei engajado de baleiro no Circo Fekete.

Com o tempo fiquei íntimo dos artistas, até dos animais. Muito me orgulhava daquela intimidade, já sonhava com uma roupa amarela com galões azuis, para me tornar, em tudo, um membro, ainda que modesto, do Circo Fekete.

Houve mesmo uma temporada em que atuei no quadro humorístico. Meu papel era singelo: aparecia em cena vestido de gato, miando desesperadamente.

Ganhei por isso um apelido nas Rocas, "Gato Fekete", coisa de Budião, naturalmente. Comi fogo para me despregar do apelido.

O Circo Fekete estava pois de volta, eu firme no posto de baleiro ganhando uns trocados e, naquela noite, Jovem Artista (era esse mesmo o nome dele, Jovem Artista, meu particular amigo) brilhava mudo e só diante da platéia, suspenso no espaço.

Tinha os pés solidamente plantados no fio de arame retesado. Mas tinha principalmente aquele remoer de idéias malignas, aquele aperto no coração.

Noutros tempos, Tenente Donato estaria acenando para Jovem Artista atrás da empanada, e depois o cumprimentaria com o sorriso bom e o leal aperto de mão de seu único braço. Mas o número apenas começava, e Tenente Donato se fora, deixando apenas este abandono, esta angústia de agora, que se apoderava de Jovem Artista toda vez que a platéia começava a bater palmas lá embaixo.

Tenente Donato era o mais velho e respeitado do grupo. Vinha dos tempos de fundação e prosperidade, quando o Circo Fekete visitava as grandes cidades do Sul sob a batuta do finado Pasqualini. Com a morte deste, o circo decaía. Os astros debandados, vendidos os melhores animais. E este ramerrão de correr agora os pequenos povoados costeiros, catando um níquel cada dia mais pingado e incerto.

Com Tenente Donato as coisas iam menos mal. Contando histórias da Revolução, onde guerreara e deixara um braço, Tenente Donato garantia sozinho metade da renda diária. Mas ele tomara também o rumo do finado Pasqualini; e o resultado era aquele: a arquibancada quase deserta, tufos de cadeiras vazias na platéia.

As histórias de guerra do Tenente Donato animavam um bocado. Há anos percorria aquela zona, juntara um público pequeno, mas fiel que o aplaudia e comprava os cartões-postais onde ele aparecia usando ainda os dois braços, o quépi de pala e os longos bigodes da mocidade.

Isso era o passado. Agora o Circo Fekete era mais um teatrinho de feira: quinze artistas ao todo, incluindo calafates e ajudantes, todos se revezando no trabalho sem qualquer hierarquia.

Eugênio, o Homem Voador, que fazia um dos números de maior agrado, podia ser visto, pouco depois de aclamado, arrastando para fora do palco o pesado tapete de camelo, último destroço dos áureos tempos do velho Pasqualini.

E Roberto, galã principal nas peças em um ato que fechavam o espetáculo, era quem trazia o copo com água para as mágicas de Mme. Xu-Fu, viúva de um famoso general chinês enforcado pelos comunistas, conforme anunciava o cartaz colorido dependurado na entrada.

Poucos artistas, nenhuma prosperidade, e muito trabalho, assim era o Circo Fekete.

Mamoto, o pequeno trombonista, estava insuportável àquela noite. No exato momento em que Jovem Artista enganchava o pé na forquilha de seda e derreava o corpo para trás, sob o calor silencioso de centenas de pares de olhos fixos nele, Mamoto entrara a guinchar desesperadamente com o trombone, arrancando risos da platéia.

Na certa se descontrolara. Andava nervoso, tossia, era pequeno demais para soprar o pesado instrumento. Sobraçava-o com dificuldade, mas era visto conduzindo-o por toda parte, como se fosse um brinquedo.

Dormia com o trombone, e até houve aquela noite em que o Circo despertou com os fundos urros metálicos que Mamoto, sonâmbulo, arrancava em sonhos do seu querido instrumento.

Agora era Zé Cearense rufando o tambor fora de propósito. Decididamente, o número estava estragado. Como seria quando Jovem Artista tivesse que saltar de um arame para outro, sem nenhuma proteção, salvo o silêncio da orquestra e o medo estampado nos olhos da multidão?

Aquele era o ponto culminante do número, e ele o fazia bem, com calma e desprendimento. Tenente Donato sempre o elogiava. De uma feita, houve o caso daquelas duas senhoras — as irmãs Patativas — que desmaiaram abraçadas no camarote, quando Jovem Artista tocou de leve, com a ponta dos pés, o arame do outro lado, que se retesou assobiando como a corda do violino de Seu Dão.

O violino de Seu Dão era, aliás, o único instrumento que sabia se conduzir na orquestra. Discreto, oportuno, suspiroso.

Seu Dão é que não parecia muito bom da cuca. Às vezes desaparecia, passava uma semana na carraspana, voltava em

estado lastimável: barbado, sujo, titubeando asneiras.

Mas no jirau da orquestra, ao lado dos outros instrumentos, sabia se conduzir. O violino parecia de seda e mel nas mãos de Seu Dão, as cordas silvando como o vento no cabelo de Maura, naquele dia em que ela e Jovem Artista foram tomar banho de mar no Poço do Dentão.

Jovem Artista sentiu que o coração amainava em seu peito, tangido por um vento bom, quando a memória, dócil e rendida, lhe trouxe a imagem de Maura. Para ela trabalhava Jovem Artista, para ela vivia.

Não fora por Maura e jamais capricharia tanto naquele número ao ponto de arrancar aplausos de Tenente Donato, que vira muita coisa digna de ser elogiada, em matéria de circos.

Não fora por Maura e continuaria calafate como Mosquito Elétrico, que, aos quarenta anos, tinha corpo de menino e cara encolhida, feito um maracujá-mochila; mas estava tão satisfeito da vida que nem sua excelência o sargento-delegado das Rocas, instalado ali à esquerda, no camarote principal.

Satisfeito da vida podia estar Mosquito Elétrico. Não ele, que tinha uma rosa rubra, toda feita de desejos, planos e ambições, aberta em seu peito. Rosa para Maura, que era o centro dourado dela, o pistilo, o epicentro, se assim podia ser dito de Maura.

Bem que Jovem Artista já fora um calafate desprendido e contente como Mosquito Elétrico. Mas era diferente agora. Não exatamente agora nem ontem. A partir do dia em que um sujeito o olhara de cima a baixo, na platéia, e lhe passara o níquel, sem se importar com o cartão-postal onde ele, Jovem Artista, aparecia de calções de malha e peito estufado.

"Qualquer coisa para ajudar o artista" — dissera.

E o homem quieto, olhando-o de cima a baixo, calado e superior. Por fim meteu a mão no bolso, retirou a moeda, entregou-a a Jovem Artista.

Era a vez deste retribuir, entregar o cartão-postal. Mas o homem recusava: "Dê a outro; custam dinheiro".

O sujeito tinha conhecimento dessa coisa de confeccionar cartões, sabia que estavam pela hora da morte. Mas havia um não sei que de arredo e ferino no modo com que disse aquilo. Alguma coisa que derrubou Jovem Artista.

Então existia gente que não queria seus cartões nem dava importância ao seu trabalho? Como teria se saído dessa, Tenente Donato?

A ofensa não vinha propriamente da recusa. Nas Rocas, muita gente recusava os cartões, supondo Jovem Artista que por falta de dinheiro. A ofensa vinha mais daquele tom de voz entre generoso e ferino que lhe abria pela primeira vez os olhos para dentro de si mesmo sem que do exame resultasse nada consolador.

"Guarde-o para outro, custam dinheiro..." Como quem diz: "Tome esta esmola, moço"; Ou então: "Seus cartões de nada me adiantam, conheço essa cantiga".

Fora então que Jovem Artista começara a pensar e a desgostar de tudo. Como um cego a quem tiram a venda, começa a ver e reclama que a ponham de novo, assim se sentia ele. Pois abria os olhos para a decadência, a pobreza, a escuridão do Circo.

A única brecha clara era Maura. O resto, um negrume sem remédio nem escapatória. Mamoto soprando o enorme trombone e tossindo. Mme. Xun-Fun xingando os vermelhos e queimando no fogareiro de lata o arroz miserável para matar a fome dos quatro filhos, todos fominhas e amarelos que, se não fosse pelos olhos amendoados, seriam iguaizinhos a nós, garotos das Rocas. E Mosquito Elétrico, rindo por qualquer coisa; e seu Dão bebendo cachaça; e Zé Cearence distilando uma ironia seca e terrosa como sua pessoa. E Tenente Donato, que se fora levando o último esteio que emprestava ao Circo Fekete a ilusão de uma coisa viva, decente e necessária.

Jovem Artista dera para matutar essas coisas, olhar dentro e em torno de si, pesar, comparar. Vira as grandes filas à porta dos cinemas da Cidade Alta, com a tabuleta pregada na bilheteria: "Lotação Esgotada". "Era isso, o cinema", concluía. O

povo da Cidade Alta, que puxava a carteira de cédulas do bolso, pagava o ingresso com uma e ainda recebia troco alto, preferia o cinema ao circo. Para este, sobrava apenas o níquel minguado e vadio do povo das Rocas, do Canto do Mangue, Alto Juruá e adjacências.

Certo dia em que fugira do Circo e fora ao Cine-Politeama com Maura, durante o desenrolar da fita em série ficara sonhando para ele e Maura um trabalho daqueles: aparecerem na tela e ficarem olhando eles próprios cá da platéia, estômagos alimentados e almas quietas. Mas, e os outros? — lembrava-se, uma alfinetada de remorso tingindo de feia realidade a pele clara do seu sonho.

Mosquito Elétrico só sabia arrastar tapetes e levar pancadas do palhaço Sabiá, nos entreatos humorísticos. Que iria fazer Mosquito Elétrico se o Circo acabasse amanhã?

Tenente Donato decerto teria resposta para essas perguntas. Sabia tudo sobre circos. Mas Tenente Donato se fora.

A música silenciara, da platéia subia um rac-rac de pipocas mastigadas. O tambor de Esperidião estava rufando. "Lá me vou", pensou Jovem Artista, preparando-se para o salto.

Olhou para baixo e viu Maura encostada à grade da entrada em cena, ajustando um patim. A seguir viria o seu número; depois ainda seria vista no papel de Pérola, a filha do barqueiro, drama em um ato. E Roberto a beijaria. Muito delicadamente, é verdade; mas o suficiente para Jovem Artista odiá-lo durante toda a ceia na Pensão dos Lordes, dois quarteirões adiante. Maura, experimentada naqueles arrufos, botaria mais sopa no seu prato, buscando consolá-lo. Depois, apaziguados e sentados na varanda, ela deitaria a cabeça em seu ombro.

Àquela lembrança, toda a leveza esguia e nervosa de Maura trespassou-o como um fluido. Calculando a distância que o separava do outro lado, Jovem Artista desejou saltar para Maura, como nunca o fizera: como um pássaro, uma chispa nervosa e cálida, imantada de eletricidade, comunicando-se entre os dois arames retesados.

Era isso — "O Chispa Humana" — a mente iluminou-se. Iria propor a modificação a Seu Gonzaga, que desenhava os cartazes, logo que o espetáculo acabasse. *O Chispa Humana*. Como não lhe ocorrera antes?

O rufo do tambor crescia, era como um longínquo troar de artilharia ao fim de uma batalha. Na platéia, como cascalho arrastado pela água, crescia o barulho das pipocas arrancadas de seus casulos de papel e mastigadas com violência.

Jovem Artista conhecia aqueles sintomas. Era o momento de saltar. Mas por que se retardava? Seria medo? Não, medo não era. Os pés estavam solidamente firmados sobre o arame, as pernas um pouco arqueadas para ganhar impulso. E tinha a cabeça lúcida, os olhos dominando o fio de aço estirado do outro lado. Queria gozar ainda um pouco a expectativa que adivinhava fervendo na platéia e chegava até ele como um vapor cálido e envolvente.

Queria que Maura o visse ainda uma vez antes de saltar, pernas firmes, o olhar ágil medindo o abismo. Como um namorado que se sabe esperado, queria reter ainda um pouco a glória daquele instante.

Ensaiou uma pirueta preparatória, a platéia rugiu lá embaixo, esperando. Riu imperceptivelmente, o lábio fino deslocando a massa leve de fios pretos do bigode.

Gostava daqueles truques, ele e Maura rindo depois, sossegadamente, dos logros pregados à platéia. Era como quem se diverte em dar um naco de carne a um cão, mas negaceia o quanto pode para vê-lo saltar. E tinha seu significado, seu fundo de compensação, aquela brincadeira de excitar a platéia que todas as noites vinha vê-lo pousar sobre o arame, leve e intocado como uma gaivota no vôo; mas que também sabia pedir *mais! mais!* numa voz esquisita que o deixava arrepiado, quando trocava murros com o preto Miguel, na demonstração de luta romana, o que os obrigava a se machucarem de verdade, para satisfazer o respeitável público.

E quem era o respeitável público? — pensou Jovem Artista escarninho, o bigode movendo-se de novo sobre o beijo, com

desprezo.

O respeitável público era o homem que recusara ficar com o cartão. "Guarda-os, moço, custam dinheiro...", parecia ouvir-lhe a voz, mansa de desprezo, subindo lá de baixo como a fumaça de um cigarro.

E de súbito sentiu que o picadeiro se enchia de vozes que gritavam, com o homem que recusara o cartão à frente: "Guarda-os, moço, custam dinheiro..."

Recuou até à platibanda de proteção, as pernas bambas, uma nuvem vermelha encravada entre os olhos. De muito longe sentiu que chegava a voz de Tenente Donato avisando-o: "Lembre-se, menino, um sanduíche; apenas um sanduíche". Seria um aviso? Que queria dizer com ele Tenente Donato?

Lá estava Mamoto tocando o trombone de novo; alguma coisa estaria acontecendo. Alguma coisa que era percebida lá embaixo.

Viu Maura amparando-se nas argolas de ferro, pálida sob os refletores, fazendo-lhe gestos, enquanto a platéia começava a urrar de novo, impaciente.

A platéia... o respeitável público... pensou com esforço, as palavras encadeando-se penosamente, a testa porejando ardentes gotas de suor.

Seria por Maura e por Tenente Donato! — decidiu-se quando o tambor entrou a rufar numa voz cava e monótona com uma litania.

E saltou, o corpo fino e reto, faca atirada em direção ao alvo, planando sobre o abismo, até chocar-se com o arame retesado do outro lado.

Ainda tentou reajustar o corpo, corrigir o perigoso ângulo de inclinação do corpo, quase conseguiu. Pelo menos foi essa a ilusão dos espectadores, que começavam a bater palmas, quando o corpo de Jovem Artista retomou sua queda, desta vez irremediavelmente.

Então veio crescendo, como um calor da terra, um grito, grande e solitário de amor e medo por Jovem Artista que tombava. Encheu todo o Circo e se espargiu pelas ruas e becos

das Rocas, varando-os de ponta a ponta, como a lufada do refletor do farol dos Reis Magos, em plena noite oceânica.

Jovem Artista o recolheu em seu peito. E nele célere se transportou à infância, quando, escanchado no ombro de Tenente Donato, olhava Tamara, a bailarina. Vestida de gase e de seda, ia caindo, exatamente como ele, agora.

Capítulo XVI VINTÉM OU TOSTÃO?

— Passa!

— Não passa!

As Rocas mobilizavam-se para o debate, que ia render e dar o que falar. Faziam-se apostas, aquela era uma questão que dizia a todos. O orgulho do bairro estava comprometido, eu não podia decepcioná-los de jeito nenhum. Tinha que passar de qualquer jeito naquele maldito exame de admissão ao Ateneu.

Havia, os céticos, como seu Euclides bodegueiro, certos do meu fracasso:

— Qual, Joãozinho, teu destino é engajar de calafate no iate de teu pai. Esse negócio de estudo não sobra pra nós das Rocas, não. Quem nasceu pra vintém não chega a tostão.

Vintém ou tostão, o fato é que eu estudava, estudava, estudava. E Seu Geraldo puxando por mim:

— O que é atrito, menino?

— É um fenômeno físico, Seu Geraldo.

— Só isso, menino? A queda do lápis também é um fenômeno físico, ora essa!

Afinal chegou o dia dos exames e lá me fui, Ribeira abaixo, rumo à Cidade Alta. Roupas velhas mas limpinhas: Dona Laura disfarçara tão bem os remendos que até parecia nova. Camisa aberta por cima da gola do paletó de caroá, sapatos-tênis tratados com muito alvaiade.

Os lentes da banca examinadora formavam um magote impessoal e apavorante, todos de óculos, anel no dedo. Entrei num grupo que tinha pra mais de cem *bichos*. Nunca vi tantos meninos xarias reunidos — cheguei a temer um desforço. Pelo sim pelo não, levava minha baladeira, pedrinhas roliças no bolso, Mas a meninada, tão amedrontada quanto eu, nem me notou.

O exame levou três dias e eu ali na ativa, sentado numa carteira, mata-borrão no bolso, caneta de pau entre os dedos sujos de tinta, garranchando letras, formando palavras,

enchendo folhas e mais folhas com o papel timbrado que um xarias gordo e vermelho, chamado Doutor Sigaud, autenticava, e o bedel apelidado Chamirranha distribuía à meninada.

No terceiro dia de exame já me sentia à vontade. Parece que o espírito de sabedoria de Seu Geraldo entrara em mim: só parava de escrever quando tocava a sineta e Chamirranha saía recolhendo as provas.

Seu Geraldo ora me esperava perto do Ateneu, ora ficava rondando pelo Mercado.

— Como foi hoje, menino?

— Pedi mais papel na prova de Geografia, Seu Geraldo. Enchi seis laudas.

Seu Geraldo era escabriado, homem de pouca fé. Queria detalhes.

— Encheu seis laudas de quê? De lingüiça?

— Não, Seu Geraldo, o ponto que caiu foi o 17, eu sabia na ponta da língua.

Seu Geraldo dava-se por satisfeito, pegava-me pelo braço num jeito fraterno:

— Vamos tomar um caldo de cana com pão doce, canguleiro velho de guerra!

Naqueles três dias, às custas de Seu Geraldo, tomei coisa aí de uns dezoito caldos de cana, comi outros tantos pães doces. E só não tomei mais caldo nem comi mais pão doce porque os exames acabaram.

Agora era voltar para as Rocas e aguardar o desfecho. Como demorasse a sair o resultado no jornal, recomeçaram as polêmicas:

— Passa.

— Não passa.

Vieram apostas, promessas também. Dona Laura fez uma a São Jorge. Dona Clara, que era mais do catimbó, agarrou-se com o feiticeiro do Alto Juruá. Eu sofria com aquela arrelia, temia o fiasco. Prometera a mim mesmo, muito na moita:

— Se for ao pau, fujo de trem pra Rio Tinto, vou trabalhar na fábrica de tecidos.

Acabei fugindo coisa nenhuma. Num sábado logo cedo eu mudava a água do cocho dos preás no fundo do quintal quando aconteceu uma invasão de gente lá em casa. Seu Geraldo à frente, um exemplar *d'A República* aberto nas mãos, o povaréu cercando-o. Seu Euclides bodegueiro era o mais avoadado:

— Passou, Joãozinho; eu não dizia?

— Filho da mãe! — foi meu primeiro impulso. Estaria me debicando? Mas o entusiasmo de Seu Euclides era autêntico:

— Passou no exame, Joãozinho, nem tenha dúvida. Está no jornal com todos os efes e erres.

— Então perdeu a aposta, Seu Euclides! — disse eu para dizer alguma coisa.

— É, perdeu! Paga! Perdeu! — gritou um magote de gente.

— Pago, pronto! Apostei contra porque sou azarado. Se apostasse a favor de Joãozinho ele levava pau na certa — justificou-se Seu Euclides, amuado.

— Conversa — esbravejou Dona Clara. — Estava era querendo ganhar nas costas da gente. Mas praga de urubu não mata cavalo gordo, hem Joãozinho?

Seu Geraldo botou os óculos, começou a ler: — "Relação dos Candidatos Aprovados no Exame de Admissão ao Ateneu Norte-Rio-Grandense."

Silêncio na sala. Do quintal vinha um grunhido de preá, o cacarejar de uma galinha aliviando-se do ovo. Seu Geraldo começou a ler a extensa relação, por ordem alfabética:

— "Aécio Regalado Costa, 95; Alba Lins Marinho, 95; Ana Teresa Cristina Fernandes, 90; Anacreonte de Paiva Leite, 85; Baroni Leitão Soares da Cunha, 80; Benedito da Mota Wanderley, 80..."

— Pula por cima desse pessoal, Seu Geraldo!

— É, canta logo o nome do Joãozinho! — insistiu Dona Clara.

Mas Seu Geraldo continuava imperturbável, os nomes se sucedendo, retinindo cada um mais comprido do que o outro, mais bonito e sonoro, nomes de xarias tradicionais que passavam de pai pra filho, há quanto tempo!

— "Filadélfia de Siqueira Cavalcanti, 80; Filomena de Albuquerque Maranhão, 75; Geraldo Negreiro Ramos Pinto, 70; Homero Homem de Siqueira Cavalcanti, 70... "

— Peixe Mero no Cisqueiro Escavacando — arremedou Dona Clara, impaciente.

Seu Geraldo deixava a letra H às gargalhadas, entrava na letra I, chegava à J. "É agora" — pensei.

— "João Cabral da Cunha Fernandes Gurjão, 65; JOÃO — e Seu Geraldo alteava a voz — BRÁS BICUDO, 75.

E não ouvi mais nada senão gritos, uivos, palmas, assovios.

— Passou! Joãozinho passou!

Dona Laura saiu do meio do povo, estirou a mão em minha direção, havia um respeito novo, uma vaga timidez perturbando seu jeito sossegado:

— Parabéns, João, parabéns, meu filho.

E me deu um beijo, o primeiro que eu ganhava dela, acho mesmo que o primeiro que ela dera em alguém, meu pai inclusive, em toda a sua vida.

O beijo, os aplausos, meu nome gritado por Seu Geraldo assim no meio da sala, tudo somado caí num choro doído e nervoso, encostado ao peito magro de Seu Geraldo, *A República* toda lambuzada de lágrimas.

Capítulo XVII

UM DIA MUITO ESPECIAL

Secas as lágrimas, posta *A República* a enxugar ao sol, começou uma romaria de povo lá em casa que não tinha mais fim. Dona Laura alarmou-se com aquela invasão festiva, retraiu-se no seu jeito de bicho de concha, não era de pagodes, não. Inda mais com meu pai de viagem, a casa sem um homem feito para manter a compostura de algum saliente.

Mas Seu Geraldo interveio, aquele era um dia especial. Deixasse estar, Dona Laura, que tudo no fim daria certo.

Rendida, Dona Laura mandou buscar farinha de trigo na bodega de Seu Euclides, que recusou pagamento e veio em pessoa trazer a encomenda. Mais uma prova, insistiu Seu Geraldo, de que aquele era realmente um dia especial. Dona Laura manipulou a massa, com pouco os filhoses fritavam gordos e odorosos na cozinha.

Cutruca apareceu sobraçando uma garrafa de *Levanta Velho*, que foi logo transformada em *meladinha* para os homens, *cachimbo* para as mulheres. Pelo visto a coisa ia render até virar fobó.

Budião e Tatu surgiram com bandeirolas de papel de seda recortadas por Léia, Dora e as outras meninas. A Rua de São Jorge ficou uma beleza, toda enfeitada de azul e encarnado, as cores do pastoril.

Os botes que corriam entre a Ridinha e a Ribeira, transportando veranistas, também começaram a passar embandeirados pelas Rocas, idéia de Varapau, engajado no *Estrela Dalva*. E ao cair da tarde apareceu Severina Isabel dos Santos da Costa Pereira Barandão guiando Cego Macário, famoso tocador de fole da Raiz da Serra, de passagem por Natal. Colado à saia de Severina vinha Porco-Espinho, todo engomado e rico, o cabelo vermelho gordo de brilhantina. Aquela incursão de Porco-Espinho às Rocas, fato virgem, era outro sintoma: o dia era realmente muito especial.

Por volta das sete, Cego Macário acomodou-se no tamborete colocado a um canto da sala, o caneco de meladinha à mão, dedilhou os baixos da sanfona prateada. O baile estava aberto, Seu Euclides, duro e respeitador, dançando com minha madrastra. Um bico de carbureto alumiaava a sala atochada de gente, jatos de luz cor de alvaiade morrendo lá fora, no sereno coalhado de povo.

Mas a rigor, o baile não era baile coisa nenhuma. Era antes uma festança entre cordão e rancho, a sanfona gemendo, todo mundo fazendo evoluções pela sala, uma espécie de ritual obscuro e respeitoso, com algo de catimbó, que vinha, em vagas sucessivas de povo, morrer diante de mim, encafifado a um canto da sala, a cada nova evolução.

— Viva Joãozinho estudante! — gritava Seu Euclides puxando o cordão.

— Viva!

A sanfona arrancava, funda, sofrida e brilhante, agora era um xote com Severina Isabel dos Santos da Costa Pereira Barandão, no auge da felicidade, dançando com Flodoaldo barraqueiro.

Vinha outro xote, parece que o fobó ia tomar corpo de verdade, mas o batecum amainava e lá vinham novos meneios e gritos e hurras para Joãozinho estudante, Joãozinho que passara com nota boa, Joãozinho primeiro menino das Rocas a entrar no Ateneu.

Por volta das nove da noite as Rocas da Frente eram uma só e grande festa, de ponta a ponta da rua. Até fogueiras apareceram, de mistura com o tiroteio dos rojões e dos peidos-de-velha.

Para completar a alegria dos de casa e compensar a ausência de meu pai, que velejava, chegou Zefinha, prima de Dona Laura, minha comadre de fogueira. Um puro e oportuno acaso. Comadre Zefinha viajara doze horas de *sopa*, do Jardim do Seridó às Rocas e topava com aquela novidade da casa em festa por causa do meu sucesso escolar.

Beradeira braba, Comadre Zefinha assustou-se com o rebuliço.

— Votes, que barafunda é essa, minha gente?

Acabou se tranqüilizando, até dançou um xote com Seu Euclides, outro com Cutruca, já cheio de *meladinha*, mas sempre respeitador.

A veia poética de Cutruca era famosa nas Rocas. Quando as pernas começaram a traí-lo, e as damas, negaceando, deram de fugir dele, Cutruca arranchou-se ao pé de Cego Macário, pediu um tom, caiu no repente:

*Joãozinho menino
canguleiro afoito
de seu Brás é filho
antes fosse meu!
meteu o focinho
nas folhas do livro
e tanto fuçou
e tanto aprendeu
que agora é aluno
do nobre Ateneu!*

Berros entusiásticos saudaram Cutruca poeta das Rocas. Em meio à balbúrdia, Dona Clara, tocada de *meladinha* e de saudades do marido, deu de chorar, berrando alto:

— Fale no barco que traz carta pra gente, Cutruca! Fale no *Esperança III!*

Cutruca cotucou Cego Macário, a sanfona, espicaçada, gineteou na sala, toda rebrilhante e fogosa de sons. Cutruca meteu os peitos, no mais puro improvisado.

*Esperança III
barco bom de mar
tá fora da barra
esperando vento
doido pra entrar.*

*Esperança III
no seu navega
traz sal, rapadura
traz notícia alegre
traz notícia escura;
Esperança III
correio do mar
traz carta pra gente
do nosso pessoá.*

Palmas calorosas aplaudiram Cutruca àquelas evocações delicadas ao barco de meu pai, patrimônio das Rocas e de todo o seu povo que o chamava *Correio do Mar*.

Dona Clara, assoando-se, elogiava Cutruca, que começava a adernar sobre Cego Macário, entupido de *meladinha*:

— Esse que está aí é porque não estudou. Se não todo mundo ia ver!

Cutruca começava uma nova cantoria, já conhecida das Rocas, intérmina e dorida.

*Juventino formado na lira
era amigo formoso e leal.*

A cantoria era uma saga antiga, das muitas que circulavam nas Rocas, lembrando velhos tempos de guerra entre xarias e canguleiros. Saga de amor e de ódio, de sangue e de perdição. No fim, menos um canguleiro no mundo, varado pelo bacamarte de um xarias impune.

Mas Cutruca cantava sozinho, perdido o seu auditório. Naquela noite de pura alegria as Rocas não queriam saber de sofrimento e de negação. Todos procuravam extrair o máximo da noite alegre e alta. Daí o conceito de Seu Euclides sobre a carraspana de Cutruca, traste triste e babado, encolhido aos pés de Cego Macário:

— O porre dele cresceu pra baixo, como rabo de cavalo.

A frase de Seu Euclides bodegueiro, useiro em lidar com a cachaça de Cutruca, era todo um tratado ameno e paciente sobre as razões do álcool, seus estímulos e seus desconcertos.

Capítulo XVIII

FARDA CÁQUI

A menos de um mês da abertura das aulas no Ateneu, já caíra na vida de estudante. Meu pai chegara do mar, descansava em casa metido na rede, ruminando coisas no seu jeito lento e calado. Mas estava atento às minhas novas necessidades e, parece, satisfeito com a minha nova vida. Ganhara dele uma farda cáqui, bonita, a gola debruada de azul, e um par de reíunas compradas por quinze mil-réis de um meganha apertado.

O enxoval completava-se com a casquete de pano cáqui e o pequeno castelo prateado pregado na frente, o escudo do Ateneu.

Minha primeira farda de estudante. O pano fora comprado na Casa Pernambucana da Ribeira, cáqui cheiroso e macio, de um amarelo afogueado puxando para verde. Despesa pesada para meu pai, mas indispensável, como a das botinas. O regulamento do Ateneu pedia — e eu fora avisado no ato da matrícula: calouro tinha o prazo de oito dias para se fardar.

Transmiti a meu pai o ultimato, diminuindo o prazo para três dias. O resultado é que, muito antes da abertura das aulas, já andava fardado pelas Rocas, todo lorde.

O dólmã era impecável no seu corte quase militar. Trabalho das irmãs Patativas, costureiras dos soldados do 31º B.C. As Patativas só cortavam dólmãs. Calças não, que as Patativas eram velhinhas donzelas cheias de pudor. Tiravam as medidas do tórax, cortavam o pano, alinhavam, provavam, costuravam, faziam realmente um trabalho caprichoso. Mas só da cintura para cima. Do umbigo para baixo o freguês que se arranjasse. As Patativas temiam manipular a freguesia abaixo da cintura, anatomias do demônio.

A muito custo minha madrasta conseguiu das Patativas que me cortassem também as calças, mesmo que fosse trabalho a olho nu, sem medidas nem alinhavos. Sem aquelas calças,

completamente indispensáveis, a direção do Ateneu não me consideraria fardado, arrazoou Dona Laura.

As Patativas relutaram, acabaram transigindo, firmou-se o pacto: cortar e costurar, elas cortavam e costuravam. Mas de oitiva, que esse negócio de andar apalpando freguês, a pretexto de tirar-lhe as medidas, isso não era direito, não.

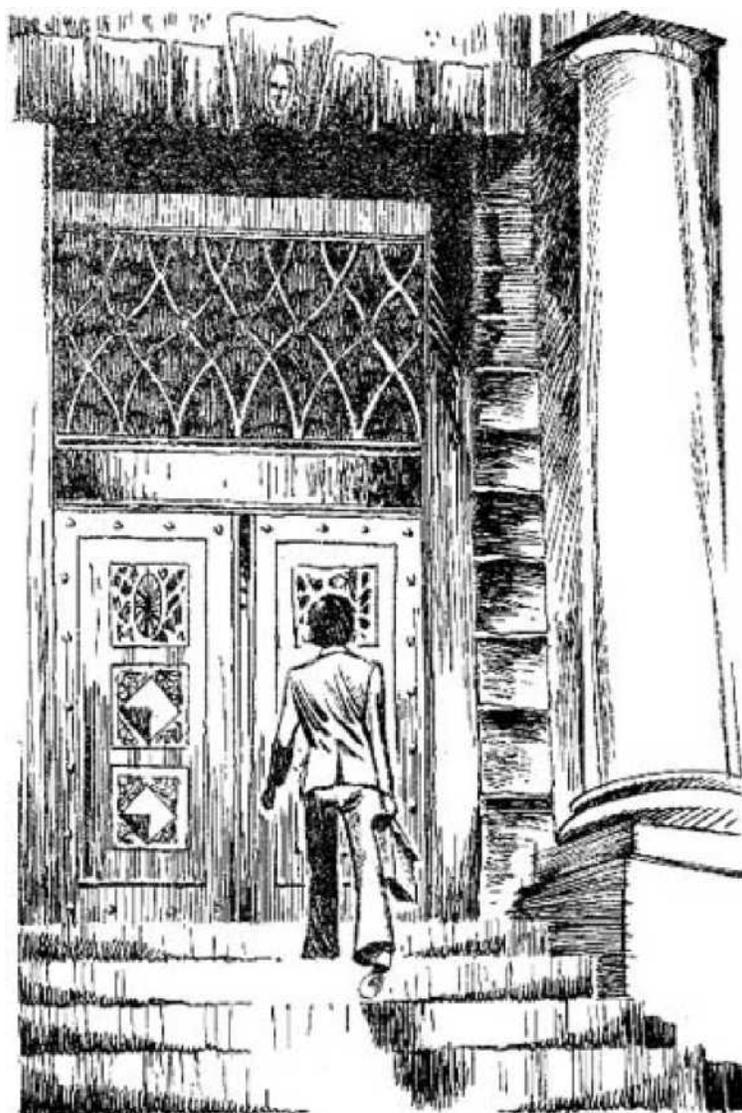
Dona Laura ainda insistiu, afinal eu não passava de um meninote, que é que tinha de mais, comadres Patativas?

— Tinha, e muito, que o diabo atenta! O resultado é que o dólmã cortado e costurado pelas Patativas, como já disse, ficou uma beleza. Mas as calças, coitadas delas e coitado de mim, as calças ficaram simplesmente horrorosas com aqueles pafos de pano farto à altura das coxas e da braguilha, os sagrados lugares jamais visitados pelas mãos quase caducas das irmãs Patativas.

Assim mesmo me sentia feliz dentro delas. A túnica impecável compensava a deselegância enfunada daquele imenso velame apoiado do vento que eram as minhas primeiras calças compridas de estudante.

Metido nelas vivia meus últimos dias de menino das Rocas. Dentro de duas semanas estaria Ribeira acima Ribeira abaixo, do Ateneu para as Rocas, das Rocas para o Ateneu, na minha vida de estudante. Enquanto isso, ia aproveitando, ensaiando a nova plumagem, como um frango que muda de canto.

Era estudante. Estudante do Ateneu Norte-Rio-Grandense. Passara com nota alta, melhor do que muitos. E o mundo era meu.



Era estudante. Passara com nota alta, melhor do que muitos. E o mundo era meu.

Capítulo XIX

CABRA DAS ROCAS

Sim, o mundo era meu, vinha sentindo de volta às Rocas, depois daquele primeiro dia de aula. Por sinal que nem aula houvera. Ao tocar a sineta compassadamente — uma, duas, três, quatro, cinco badaladas — incorporei-me à manada do 1º ano, calouro que era.

Logo apareceram os veteranos, enxame agressivo para a tradição escolar do batismo.

Levei petelecos e empurrões, mangaram do meu jeito pobre e selvagem, jogaram alvaiade em minha farda nova. Quando me vi borrado de tinta branca, as botinas de quinze mil-réis todas lanhadas, roubado no meu casquete de friso azul, aí esquentei os bofes na melhor tradição das Rocas canguleira. O braço comeu duro e desvairado em cima do veterano mais afoito e mais próximo.

Saí da refrega apanhado, mas acatado.

— Aquele cabra das Rocas é carne de pescoço! — foi o comentário que ouvi à saída da primeira aula.

Cabra das Rocas. O apelido ia pegar. Seria o primeiro, pois viriam outros, cada um com sua malícia, seu estigma, seu veneno.

Afinal eu era um corpo estranho naquele arraial secular de meninos xarias. Era um canguleiro. Pior, ainda: canguleiro das Rocas, o primeiro a penetrar, assim na raça e cheio de maus modos, naquele ninho do saber misterioso e vasto dos xarias, tão bem representado na inscrição em bronze pregada no pátio interno do velho Ateneu:

BASILIVS QUARESMA TORREÃO,
PROVINCIAE PRAESVL.

FIM

{1} Homero Homem faleceu em 1990. (Nota da digitalizadora)

{2} *Caculo*: sinônimo popular de *cangote* ou *cogote*; o povo nordestino o considera sinal de força, coragem e resistência.